



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

COMPETÊNCIAS
PARENTAIS: PERCEÇÕES
DE RECLUSAS QUE VIVEM
COM OS FILHOS NA PRISÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Justiça e do Comportamento
Desviante -

Íris Ferreira Pinto

Porto, julho de 2023



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

COMPETÊNCIAS
PARENTAIS: PERCEÇÕES
DE RECLUSAS QUE VIVEM
COM OS FILHOS NA PRISÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Justiça e do Comportamento
Desviante -

Íris Ferreira Pinto

Trabalho efetuado sob a orientação de

Orientadora: *Professora Doutora Catarina Ribeiro*

Coorientadora: *Professora Doutora Raquel Matos*

Porto, julho de 2023

Agradecimentos

À Professora Doutora Catarina Ribeiro pela dedicação, aconselhamento e empatia. Apoiou-me neste contexto e ofereceu-me ensinamentos preciosos para a minha área. Sobretudo, quero agradecer pelo seu humor contagiante que sempre me colocou um sorriso na face.

À Professora Doutora Raquel Matos gostaria de exprimir a gratidão pelas sugestões teóricas e metodológicas e pelos conselhos oportunos.

Aos meus pais que são a minha maior inspiração, apoio e motivação incondicional, grata por acreditarem sempre em mim. Agradeço especialmente pelo vosso amor, carinho, generosidade, estímulo intelectual e emocional e igualmente pelo esforço económico que me prestaram ao longo de toda a minha vida académica, para assim conseguir alcançar esta etapa da minha vida.

Ao meu padrasto expressei toda a minha gratidão e apreço pela sua presença na minha vida.

À minha avó que me acompanhou com o seu afeto e carinho.

Ao meu namorado que me apoiou com toda a sua alma e sempre acreditou em mim.

Aos meus amigos próximos que durante esta etapa me forneceram bons momentos, carinho, e acima de tudo, alegria.

Resumo

A presença das mães na vida dos filhos é fundamental e determinante no seu desenvolvimento, porém no contexto do Estabelecimento Prisional, o exercício das competências parentais poderá ser desafiante, complexo e distinto. O presente estudo procurou explorar as percepções que um grupo de mães reclusas, que vivem com os filhos na prisão, têm sobre as suas competências parentais. Trata-se de um estudo qualitativo, onde foram realizadas 8 entrevistas em profundidade a mães reclusas em permanência com o seu filho no Estabelecimento Prisional.

Os resultados demonstram aspetos positivos e negativos da circunstância em que estas mães se encontram. São observáveis as práticas de competências parentais positivas e o constante apoio do Estabelecimento Prisional. Contudo, são retratadas as dificuldades experienciadas pelas mães reclusas, nomeadamente, reconhecimento de sentimentos de culpabilização, sentirem-se julgadas por parte das outras mães reclusas, os problemas de relacionamento entre as crianças, as condições precárias das celas, as dificuldades de aquisição de produtos específicos para as crianças e as percepções de efeitos negativos a curto e a longo prazo, não só para as crianças, mas igualmente para as mães. Todavia, parecem evidenciar também experiências positivas para conseguir ultrapassar a situação adversa que estão a viver.

Palavras-Chave: Estabelecimento Prisional, Parentalidade, Crianças em Estabelecimento Prisional, Competências parentais.

Abstract

The presence of mothers in their children's lives is fundamental and decisive in their development, but in the context of the Prison Establishment, the exercise of parental skills can be challenging, complex and different. The present study sought to explore the perceptions that a group of inmate mothers, who live with their children in prison, have about their parenting skills. This is a qualitative study, where 8 in-depth interviews were conducted with inmate mothers staying with their child in the Prison Establishment.

The results demonstrate positive and negative aspects of the circumstances in which these mothers find themselves. Positive parenting practices and constant support from the Prison are observable. However, the difficulties experienced by inmate mothers are portrayed, namely, recognition of feelings of guilt, feeling judged by other inmate mothers, relationship problems between children, precarious conditions of cells, difficulties in purchasing specific products for children and perceptions of short-term and long-term negative effects not only for children but also for mothers. However, they also show positive experiences to overcome the adverse situation they are experiencing.

Keywords: Prison Establishment, Parenting, Children in Prison Establishment, Parenting skills.

Índice de Siglas

EP – Estabelecimento Prisional

DGRSP – Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Índice de Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

Anexo B – Caracterização sociodemográfica e familiar das reclusas

Anexo C – Caracterização dos filhos das reclusas

Anexo D – Sistema de Categorias

Índice

1. Introdução	1
1.1 Dados sobre as mulheres no Estabelecimento Prisional	1
1.2 Maternidade no Estabelecimento Prisional	2
1.3 Crianças no Estabelecimento Prisional	3
1.4 Vinculação mãe-filho no Estabelecimento Prisional	4
1.5 Competências Parentais	5
2. Método	7
2.1 Questão de investigação/Objetivos da investigação	7
2.2 Participantes	7
2.3 Instrumentos/materiais	8
2.4 Procedimentos	9
2.4.1 Recolha de dados	9
2.4.2 Tratamento e análise de dados	9
3. Apresentação e Discussão dos Resultados	10
4. Conclusões	24
5. Referências bibliográficas	27
6. Anexos	35
Anexo A – Consentimento Informado	35
Anexo B – Caracterização sociodemográfica e familiar das reclusas	37
Anexo C – Caracterização dos filhos das reclusas	39
Anexo D - Sistema de Categorias	40

1. Introdução

A presente dissertação tem como objetivo investigar as percepções que um grupo de mães reclusas - que vivem com os filhos na prisão - tem sobre as suas competências parentais. Este é um estudo exploratório, de cariz qualitativo, tendo sido elaborado um guião de entrevista para a recolha de dados. O perfil das participantes inclui os seguintes critérios: serem do sexo feminino, serem reclusas e terem o filho consigo na prisão.

Portugal conta com a existência de 49 Estabelecimentos Prisionais (EP) (Damas & Oliveira, 2013), existem dois EP que permitem que as crianças permaneçam com as suas mães: o Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo - Feminino e o Estabelecimento Prisional de Tires. A legislação portuguesa consente que a mulher decida manter o seu filho consigo até aos 3 anos ou, num com condições adequadas, até aos 5 anos (n.º 1, artigo 7.º, Código de Execução de Penas e Medidas Privativas da Liberdade). Ficam excluídas aquelas mulheres que se encontram em regime de segurança (n.º 2, artigo 243.º, Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais (Regulamento Geral das Prisões, 2011).

Este trabalho segue a seguinte estrutura: enquadramento geral do tema e a pertinência e atualidade do estudo; enquadramento teórico assente numa revisão crítica da literatura relevante e atual; a seguir, será exposto o método (questões de investigação, objetivos, participantes, instrumentos e procedimentos [recolha de dados e tratamento e análise de dados]) e, por fim, as referências bibliográficas.

1.1 Dados sobre as mulheres no Estabelecimento Prisional

As mulheres representam 4,3% da população no EP em todo o mundo, é precisamente esta minoria e a sua marginalização que aumenta a necessidade de reconhecer as mulheres neste contexto como um grupo diverso com necessidades distintas (Loucks, 2010). Os dados sobre a gravidez entre as mulheres reclusas são, muitas vezes, limitados a estimativas de prevalência e nascimentos que não foram atualizados desde 2004 (Bronson & Sufrin, 2019).

Segundo o Prision Reform Trust (2010), todos os anos estima-se que mais de 17.700 crianças são separadas da mãe por aprisionamento das mesmas. Apenas 5% dos filhos das reclusas permanecem na sua própria casa após a mãe ter sido sentenciada a pena de prisão. Somente 9% das crianças, cujas mães estão no EP, são cuidadas pelos pais na ausência das mesmas. Pelo menos um terço das mães assumem na íntegra o papel de ambos os pais antes da prisão. Além disso, foi revelado que, para 85% das mães, a prisão foi a primeira vez em que se

viram separadas dos seus filhos durante um período significativo (Prision Reform Trust, 2010). Uma sondagem da opinião pública pela Smart Justice em 2007, concluiu que, dos 1.006 inquiridos, 73% consideraram que as mães de crianças de pouca idade não deviam ser enviadas para a prisão por crimes não violentos (Smart Justice, 2007).

1.2 Maternidade no Estabelecimento Prisional

Por norma, a sociedade tem uma visão estereotipada negativa das prisões, sendo que esta forma de observar o EP deveria de ser alvo de inúmeros aperfeiçoamentos (Eisenman, 1990). Tal como a experiência da maternidade fora do contexto prisional é heterogénea, não se pode esperar que seja homogénea dentro da prisão (Granja et al., 2012).

A maternidade na prisão problematiza alguns pressupostos convencionais sobre a parentalidade. O senso de responsabilidade das mulheres para com os seus filhos, condicionado por ideologias dominantes, coloca as reclusas sob pressão para serem “boas mães” (Granja et al., 2014; Chai & Passos, 2016). No estudo de Granja e colaboradores (2013) é enfatizado que, no caso de mães reclusas, mesmo que separadas dos seus filhos, consideram que todos os acontecimentos negativos na vida dos seus descendentes são resultados da sua própria conduta (Granja et al., 2013).

Globalmente, a literatura demonstra que a possibilidade de arbítrio entre ter, ou não, os filhos consigo em contexto prisional, acarreta grandes desafios para as reclusas. Por um lado, os estudos demonstram que, ter os filhos consigo na prisão, oferece bem-estar e diminui o sofrimento das reclusas (Vasconcelos & Lins, 2018) e estas reconhecem essa experiência como uma oportunidade de oferecer cuidados aos filhos (Mariano & Silva, 2018). Por oposição, ter os filhos longe provoca ansiedade nas mesmas (Vasconcelos & Lins, 2018; Baldry, 2010). Por outro lado, ter os filhos na prisão provoca, por vezes, sofrimento, porque as reclusas sentem não ser o melhor contexto para os seus filhos se desenvolverem (Granja et al., 2014). No entanto, perante a possibilidade de escolha entre ter ou não os filhos na prisão, as mulheres parecem ser penalizadas independentemente da sua decisão. De acordo com Aragão (2018), a mulher que optar por permanecer com a criança até certo período após o nascimento é rotulada como irresponsável por expor o filho a um ambiente hostil e se optar pela separação logo após o parto é caracterizada como desumana e insensível (Aragão, 2018).

Tendo em consideração a vida familiar, uma mulher num EP necessita de laços familiares positivos, pois a existência destas relações diminui o risco de reincidir no crime. Uma relação fraca ou não existente entre mãe-filho pode criar na mulher, baixa autoestima, falta de

motivação, baixa confiança em si própria e inexistência de esperança. Do mesmo modo, pode originar uma desconexão com a sociedade, criar dificuldades no EP e dificultar a reintegração na comunidade aquando do término da pena (Anastasi & Urbina, 1997). Ademais, a estrutura familiar sem a presença da mãe pode ter consequências negativas, não conseguindo atender ao cuidado e proteção das crianças e dos adolescentes. Este evento pode dever-se a circunstâncias em que, nem sempre o cuidador responsável que substitui a mãe é uma pessoa que estabelece relações positivas com a criança (Flores & Smeha, 2019).

Segundo Braga & Angotti (2015), dentro da maternidade existem dois conceitos relevantes a referir, a hipermaternidade e a hipomaternidade. No que concerne à hipermaternidade, a investigação aponta que, nas localizações destinadas às mães reclusas e aos seus filhos, estas demonstram relatos referentes à estagnação da vida na prisão, uma vez que o bebé ocupa todo o seu dia, não restando, desta forma, nenhum tempo disponível para exercer outras funções e atividades como era habitual anteriormente, mais concretamente atividades laborais (Braga & Angotti, 2015). Tendo isto em conta, é necessário que seja oferecida assistência, pois as reclusas com acesso a ajuda para a sua saúde mental e competências individuais, tais como, depressão, competências de ocupação, parentalidade, dentre outros, terão um papel mais eficaz como mães (Radosh, 2002).

Em contrapartida, tendo em conta a hipomaternidade, a entrega do filho no final do prazo legal de permanência despertou a atenção na investigação, uma vez que, mulheres reclusas não gostam de abordar o tema, gerando angústia, medo e tristeza (Braga & Angotti, 2015). As mulheres que não têm acesso aos seus filhos sentem-se perturbadas e ansiosas (Mariano & Silva, 2018).

1.3 Crianças no Estabelecimento Prisional

Importante referir que não parece haver consenso na literatura sobre o contacto precoce de uma criança com o EP, porém os estudos referem que podem existir efeitos positivos e negativos (Jiménez & Palacios, 2003; Rita, 2006; Silva et al., 2011). Goetting (1984) e Silverstein (1990) exprimem que a mãe é a pessoa que cumpre a pena e não se deve permitir que a criança seja identicamente punida (Goetting, 1984; Silverstein, 1990).

Por um lado, é significativo que a criança permaneça com a mãe, ainda que num EP, para evitar as consequências negativas do afastamento. Canavarro (1997) afirma que, com a separação, a criança recebe menos suporte emocional e pode sentir que foi rejeitada pelos pais, sendo que tem sido mais sentido especialmente quando são separadas da mãe. Durante a

infância e a adolescência podem desenvolver fatores de risco para perturbações de ansiedade na idade adulta (Canavarro, 1997; Freitas & Saavedra, 2016). Investigações de Arrindell e colaboradores (1983), Favarelli e colaboradores (1991), Parker (1979) e Silove e colaboradores (1991), demonstram resultados semelhantes aos de Canavarro (1997), afirmando o desenvolvimento de perturbações de ansiedade e fatores de risco na idade adulta (Arrindell et al., 1983; Arrindell et al., 1989; Favarelli et al., 1991; Parker (1979); Silove et al., 1991). Estudos de Baptista (1993), Brunch & Heimberg (1994) e Rutter (1995) adicionam às dimensões referidas a importância da proteção, especialmente a materna. Uma criança, que seja afastada da sua mãe, mesmo que tenha sido cuidada e/ou alimentada por outras pessoas, experiencia stress (Baptista, 1993; Brunch & Heimberg, 1994; Rutter, 1995).

Por fim, Weiss (1991) descreve que a criança procura proximidade, quando está com a mãe produz sentimentos de segurança, protesta na altura de separação e quando a mesma é ativada por situações ameaçadoras, procura os pais como fonte de segurança (Weiss, 1991). O filho que viva a experiência de proximidade com a mãe, posteriormente apresentará melhores indicadores de desenvolvimento (Canavarro, 1997). É demonstrado que, quando existe uma rutura no laço materno-infantil na fase do início da infância, a probabilidade da mesma se tornar num adulto inseguro com dificuldades de manter e criar vínculos afetivos é efetivamente alta (Vasconcelos & Lins, 2018).

Por outro lado, no estudo de Freitas e colaboradores (2016), realizado em Portugal, com mães reclusas, menciona como fatores negativos de permanência num EP, a atmosfera barulhenta, o contacto restrito com o mundo exterior, presença de desentendimentos entre reclusas e escassez de serviços de saúde (Freitas et al., 2016). Inclusive, certos estudos referem que o impacto do contacto precoce da criança com o ambiente prisional, pode potenciar défices cognitivos, aumento significativo na probabilidade de conduta desviante e possível fator de risco para desenvolvimento de psicopatologia e fracasso a nível académico (Dallaire, 2007; Dawson & Nyamathi, 2012; Nesmith & Ruhland, 2008; Poehlmann, 2005; Walters, 2018).

1.4 Vinculação mãe-filho no Estabelecimento Prisional

O estudo da influência que uma mãe ou um adulto substituto causam na criança foi amplamente desenvolvido por Bowlby (1990), um dos pioneiros no estudo da vinculação. O referido autor descreve que a criança necessita de uma ligação (segura) com a mãe que lhe fornece afeto e carinho, além de os cuidados primários. Para o autor, o instinto de vida tem duas pulsões básicas, a necessidade de alimentação e a de proteção. No que tange às crianças, estas

necessitam de cuidados primordiais, proteção e afeto no início da sua vida (Bowlby, 1990). Bowlby (1960) refere que “considera-se essencial para a saúde mental do recém-nascido e da criança de pouca idade, o calor, a intimidade e a relação constante com a mãe” (Bowlby, 1960).

Os estudos de Ainsworth e colaboradores (1978) focam-se nos tipos de vinculação existentes, podendo haver o risco de que o filho desenvolva uma vinculação insegura perante a mãe (Ainsworth et al., 1978 & Cicchetti et al., 1995). Também, dada a oportunidade à mãe de, após o parto, ter um contacto corporal com o seu filho e poder tomar conta dele, facilita a relação entre os dois (Ainsworth, 1994).

O estudo de Harlow e Harlow (1962) realizado com macacos “rhesus”, responde à questão “nature vs nurture”, apresenta que o macaco bebé preferia o amor da “mãe” construída com algodão, que revela parecenças a um macaco, do que as necessidades básicas fornecidas pela outra “mãe”, feita de arame e sem similaridades a um macaco. O macaco bebé ficava geralmente abraçado à “mãe” de algodão e apenas se aproximava da outra “mãe” quando necessitava de se alimentar (Harlow & Harlow, 1962). Tendo isto em conta, a necessidade de a criança precisar da mãe na sua vida não é apenas pela demanda inata de alimentação, mas também pelo desejo de amor e carinho (Cassidy & Shaver, 2008; Breuer et al., 2021).

1.5 Competências Parentais

A tarefa de parentalidade é referida na literatura de várias formas, visto que, este exercício possui várias definições (Peixoto et al., 2007). Um pai e/ou uma mãe têm uma grande influência na vida da criança, sendo eles a fonte de socialização mais importante para o seu filho, deste modo, a família é o primeiro ambiente de interação social que a criança obtém (Kellett & Apps, 2009). Seay e colaboradores (2014) criaram uma possível definição de competências de parentalidade positiva através de uma revisão cuidadosa da literatura existente e de uma análise de conceito utilizando o formato de Walker e Avant (2010). As competências de parentalidade positiva são o relacionamento contínuo de um pai e/ou uma mãe e uma criança que inclui cuidar, ensinar, comunicar e prover as necessidades da mesma de forma consistente e incondicional (Seay et al., 2014; Walker & Avant, 2010). Também, o exercício da parentalidade tem bastantes funções essenciais, entre elas, um ambiente seguro, envolvente, de aprendizagem positiva, disciplina assertiva, autocuidado parental e expectativas realistas (Sanders et al., 2014; Conley, 2003).

Um cuidador que não ofereça um ambiente positivo à criança e não cuidar do filho de forma eficaz, pode causar graves consequências nas crianças (Morawska et al., 2019). É de

acrescentar que a punição física influencia de forma negativa a criança, podendo condicionar sentimentos negativos, comportamentos agressivos, relações de vinculação insegura e relacionamentos pobres (Elliman & Lynch, 2000; Ateah et al., 2003; Smith, 2006).

Em suma, apesar da inexistência de um modelo que define as capacidades parentais necessárias, a partir de vários modelos, é possível obter uma ideia essencial sobre tarefas imprescindíveis para o crescimento saudável de uma criança, sendo estas, atividades que implementam a estimulação da aquisição das competências necessárias para as crianças (Weisner, 2002). Considerando tudo isto, importa explorar as competências parentais num contexto adverso como a prisão e a perceção das reclusas que estão a vivenciar esta situação com os seus filhos, sendo este o objetivo geral deste estudo.

2. Método

Este estudo segue uma metodologia de cariz qualitativo e exploratório, incidindo sobre as percepções das mães reclusas acerca das suas competências parentais na prisão. Neste estudo, valoriza-se o discurso das participantes sobre as suas experiências acerca do tema em análise. Este paradigma oferece às participantes a possibilidade de partilhar detalhes das suas experiências pessoais e de interpretar o significado das mesmas. Ao utilizar-se uma abordagem indutiva é possível extrair a linguagem teórica e a linguagem corporal utilizada pelas participantes, para explorar subtilezas nos dados que os inquéritos fechados não permitem (Spencer & Kochel, 2021).

2.1 Questão de investigação/Objetivos da investigação

Este estudo procura responder a uma questão central: “Quais são as percepções das competências parentais de mães reclusas que vivem com os seus filhos na prisão?”. Os seus objetivos são os seguintes: Descrever as competências parentais da mãe reclusa a partir das suas próprias experiências; Explorar a percepção das mães reclusas sobre a maternidade no estabelecimento prisional e Explorar as características do estabelecimento prisional para as mães e crianças que vivem na prisão.

2.2 Participantes

Considerando que o objetivo geral do estudo é explorar as percepções das mães sobre as suas competências de parentalidade em reclusão, é necessária uma amostra específica de participantes, designadamente, mães reclusas com os filhos a residirem no contexto prisional. Deste modo, as nossas participantes são 8 mães reclusas, com filhos consigo no EP. Foi utilizada uma amostragem não probabilística, onde a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos outros. É uma amostra por conveniência, onde é selecionada uma amostra da população que seja acessível, ou seja, os indivíduos participantes nesta pesquisa são selecionados visto estarem disponíveis para tal. Os critérios de inclusão são especificamente ser do sexo feminino; ser mãe; ser reclusa e, o filho também residir no EP.

Atualmente, no EP, o número de mães são 13 e o número de filhos são, igualmente, 13, contudo, fizeram parte do estudo 8 mães. O número de crianças no EP varia de acordo com um processo dinâmico de entradas e saídas, contudo as lotações totais do espaço são de 32 crianças. Existem três áreas distintas na creche, mais concretamente, recém-nascidos até aos 18 meses;

dos 18 meses até aos 3 anos; dos 3 até aos 5 anos. Consequentemente, a amostra do presente estudo, é constituída por 8 mulheres, com idades compreendidas entre os 24 e 47 anos e com apenas 1 filho em permanência na prisão (Anexo B). As crianças têm entre 6 meses e 3 anos e meio, algumas crianças viviam com a mãe em meio livre e outras nasceram já quando as mães se encontravam no EP. Determinadas crianças usufruem de tempo em meio livre com familiares (Anexo C).

2.3 Instrumentos/materiais

Foi aplicada uma entrevista semiestruturada com flexibilidade que permite que os tópicos sejam abordados pela melhor ordem possível, possibilitando que as respostas sejam totalmente exploradas, tendo em consideração os objetivos de investigação. Este tipo de entrevista analisa devidamente o tema e tem como linhas orientadoras as perceções das participantes sobre as capacidades necessárias para exercer o papel de mãe, tendo em conta o contexto em que estão inseridas. (Christenbery, 2017).

O guião de entrevista inclui uma série de questões fechadas de caracterização sociodemográfica da participante e uma breve caracterização dos filhos. De seguida, foca na temática da reclusão e parentalidade, com questões abertas e flexíveis que exploram as perspetivas das reclusas acerca da permanência de crianças na prisão. Também, explora a vivência da parentalidade no contexto prisional e a perceção que têm acerca das suas competências parentais. Assim, foca-se em certas áreas quanto ao exercício de parentalidade, a relação da mãe com a criança e as principais temáticas relacionadas com a perceção das competências parentais.

Artigos como o de Maramwidze-Merrison (2016), definem que a investigação qualitativa fornece dados valiosos relacionados com objetivos de investigação especificados (Maramwidze-Merrison, 2016). Na sua extensa revisão de métodos parentais em relação a comportamento antissocial na infância, Rothbaum e Weisz (1994) concluíram que a força das associações entre pais e filhos foi maior quando a parentalidade foi medida por observação ou entrevista, ao contrário de quando medido por meio de questionários (Rothbaum & Weisz, 1994). Budd (2001), refere que o foco da avaliação desta tarefa deve ser nas competências e nos défices apresentados pela mãe e a qualidade da relação que tem com o filho (Budd, 2001).

2.4 Procedimentos

2.4.1 Recolha de dados

Os dados foram recolhidos no EP através de entrevistas às participantes. Foi realizada uma entrevista individual com as 8 mães, as entrevistas foram gravadas e transcritas. O ato de transcrever consiste na transformação de um discurso oral num texto escrito com significado, que possa ser analisado e que contenha as informações relevantes da entrevista (Azevedo et al., 2017), a transcrição é uma tarefa central para a análise e discussão de resultados (Costa, 2014). Posteriormente, as entrevistas foram analisadas.

Os procedimentos de recolha de dados cumpriram as questões éticas e deontológicas, nomeadamente o consentimento e a garantia da confidencialidade e do anonimato. Foram solicitados pedidos formais de autorização à DGRSP e à direção do EP, com a qual se definiram prazos (calendário, datas e horários). Antes das entrevistas, foram preenchidos os consentimentos informados pelas reclusas mães. Em último lugar, decorreu a entrevista, esta cumprindo os critérios de validade nos métodos qualitativos (conceptual e processual).

2.4.2 Tratamento e análise de dados

O tratamento dos dados para análise foi realizado a partir de um registo de áudio e uma posterior transcrição da entrevista. Tendo em consideração os objetivos de compreender e analisar as competências parentais no EP, foi necessário obter o máximo de informação possível. Para explorar as entrevistas recorreu-se a uma análise temática de conteúdo, visto que este tipo de metodologia oferece uma compreensão da construção de significado do discurso dos participantes (Silva et al., 2005). As entrevistas semiestruturadas realizadas receberam o código “P”, com vista a garantir a confidencialidade dos participantes. Aquando da transcrição das entrevistas, efetuou-se uma leitura flutuante, que permitiu a identificação de indicadores e posterior construção de uma grelha. De seguida começamos a etapa inicial da análise teórica, iniciando um processo de categorização a partir dos dados, no qual foram criadas 3 categorias principais, cada uma delas com subcategorias associadas (Glaser, 1999). As categorias principais referem-se a temáticas gerais definidas anteriormente com o guião de entrevista e objetivos de estudo, no que concerne às subcategorias, advêm do conteúdo desenvolvido pelas participantes, tendo em conta a temática geral. O conteúdo das entrevistas foi explorado dando importância às perceções das participantes sobre o fenómeno exposto. Assim, as subcategorias foram criadas a partir da visão das participantes, e não de acordo com grelhas prévias.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados das entrevistas, organizados em função dos objetivos de estudo. Através do processo de tratamento e análise dos dados elaborou-se um sistema geral de categorias, onde foi criada uma grelha exaustiva da análise (Anexo D). Acrescentei igualmente, uma grelha com a caracterização sociodemográfica e familiar das reclusas (Anexo B) e outra grelha de caracterização dos filhos (Anexo C). O sistema foi organizado em três grandes categorias – categorias de primeira geração: permanência de crianças na prisão; competências parentais; suporte e coping.

Para uma melhor compreensão do sistema de categorias, todas estarão enumeradas e na grelha, sempre que necessário, encontra-se uma breve descrição das categorias. As categorias de primeira geração irão ser apresentadas em **negrito** (e.g., **competências parentais**); as categorias de segunda geração irão ser apresentadas em sublinhado (e.g., Momentos com o filho); e, por fim, as de terceira geração irão ser apresentadas em sublinhado tracejado (e.g., Momentos positivos com o filho). Acrescento que, serão apresentados excertos exemplificativos do discurso das participantes em *itálico* com o intuito de suportar a compreensão dos dados. As participantes receberam o código “P”.

O1: Descrever as competências parentais da mãe reclusa a partir das suas próprias experiências.

Para aprofundar este objetivo, recorreu-se à categoria de primeira geração **2. competências parentais**. Foram desenvolvidas quatro subcategorias B. Momentos com o filho, D. Conhecimento sobre as características individuais da criança, E. Práticas Educativas e F. Necessidades emocionais da criança.

B. Momentos com o filho

Esta subcategoria pretende explorar questões relacionadas com a experiência da maternidade, foi possível descrever B.1. Momentos positivos com o filho, onde as reclusas descreveram experiências partilhadas com o filho, “*Eu gosto de quando ela está a dormir [...] gosto muito de lhe dar banho, já fica muito feliz no banho [...] gosto de ir buscar à creche [...]*” (P3), “[...] *vem o meu filho a correr para mim: “ó mãe que linda.” [...] faz massagens o meu filho.*” (P4), “[...] *gosto de dar-lhe banho, gosto de o arranjar, essas coisas assim.*” (P5)

e “[...] vem buscá-los aqui para comer e é sempre bom a gente acompanhar essas coisas e depois à tarde também estamos juntos e é... é o acompanhar assim as fases dele, porque se eu estivesse lá fora não acompanhava, se calhar, ele a dizer “mamã”, o desenvolvimento normal dele [...]” (P7).

Do mesmo modo, permitiu a descrição de B.2. Momentos menos positivos ou stressantes com o filho, “Quando eles estão doentes é muito stressante.” (P3), “Eu tenho muita dificuldade nisso no refeitório porque não quer aquela comida. Quer a sopa da avó [...] E atirou tudo para o chão [...] e eu peço autorização para me levantar, limpo tudo e já perco o apetite” (P4) e “[...] ele tinha muitas, muitas cólicas e é muito chato [...]” (P7).

D. Conhecimento sobre as características individuais da criança

No que concerne a esta subcategoria, foi pretendido aprofundar o conhecimento das mães reclusas quanto às características individuais da criança (emocionais, físicas, temperamento, necessidades especiais). As mães descreveram várias características nos seus filhos, “[...] tem uma personalidade bastante forte.” (P2), “[...] ela é muito meiga [...] um bocadinho envergonhada [...]” (P3), “[...] é conflituoso [...] eu acho o meu filho muito inteligente ele aprende muito rápido [...] orgulhoso [...] uma personalidade muito forte não se deixa de ficar com nenhuma criança seja grande seja pequena se a criança lhe empurrou, ele empurra também e puxa os cabelos.” (P4), “[...] ele nunca está triste, nunca. Acorda de manhã sempre bem-disposto.” (P5), “é único [...] ele é muito esperto, muito inteligente [...] É muito mimalho” (P6), “[...] é muito falador, muito observador, quer estar sempre atento a tudo [...] é assim um bocadinho irrequieto [...]” (P7) e “[...] ela gosta de estar no cantinho dela [...] Uma guerreira.” (P8).

E. Práticas Educativas

Tendo em conta esta subcategoria, foi possível dividir em três grupos, E.1. Tolerância à punição corporal, as mães expressaram que, quando necessário, podem realizar a ação de uma “[...] palmada no bumbum, se tiver que dar um puxão de orelha a gente dá um puxão de orelha.” (P1), “Já começou a dizer [asneiras] e eu dou-lhe uma palmada no rabo e digo” não se diz isso!” (P8) e o ato “De castigo deixa ficar mais a chorar.” (P3).

Seguidamente, a E.2. Demonstração de aceitação relativamente a um comportamento da criança, foi aqui mencionado “Eu abraço, eu beijo, choca aqui!” (P1) e “Dou-lhe um beijinho e digo “muito bem, é mesmo assim.”” (P8).

Além disso, foram exploradas E.3. Práticas parentais positivas, uma mãe enfatizou a particularidade da educação numa prisão “*Vou ensinar a minha filha a se defender uma coisa que lá fora eu não fiz [...] porque eu vejo aqui as crianças [...]*” (P2), “*Deixo brincar no banho à vontade para ele descarregar mesmo energia [...] digo [...] “vamos pintar”. “Olha a mãe tem uma coisa para ti” [...] Quando ainda está na hora ainda ligo ao pai para ver se ele tenta acalmar o menino.*” (P4) e “*Apanho uma coisita na mão, mexo assim [a mexer um fio de um lado para o outro em frente à cara do bebé]. Ando para trás e para a frente com ele [...] Falo com ele [...] Dou-lhe comerzito e aí ele calasse.*” (P5).

F. Sensibilidade às necessidades emocionais da criança

De forma a explorar esta subcategoria, começo por descrever a F.1. Facilidade em perceber os sentimentos da criança, duas mães afirmam “[...] *com um olhar mais descaído e eu vejo quando é que acontece alguma coisa [...] eu vejo que ele está mesmo a sentir a saudade [do pai].*” (P4) e “[...] *basta olhar para ele que eu percebo logo [...] quando está cheio de sono, começa assim a esfregar os olhos e a orelhinha, às vezes só a orelhinha. Quando ele está muito chateado ele franze assim a sobrancelha, ele é muito expressivo [...]*” (P7). Em segundo lugar, averiguou-se a F.2. Demonstração de afeto pela criança, as reclusas descreveram afeto físico, “[...] *eu gosto de tê-la no meu colo, ficar cheirando o cabelo dela e eu às vezes exagero.*” (P1), “*Dou carinho, dou beijinhos.*” (P5) e “*Beijinhos, ele gosta muito de colo por isso passa a vida no colo [...]*” (P7), no entanto também compartilharam outras formas de afeto, “*O falar para ela é muito importante [...]*” (P2), “*Eu brinco com ela.*” (P3), “[...] *conto histórias [...] ele [filho] fixa as histórias e depois conta ao pai [...] todos os dias digo que o meu filho está lindo [...] que é o amor da mãe [...] mete-me assim a mão na cara [...]*” (P4), “[...] *eu brinco com ele [...]*” (P5), “*Eu falo muito com ele. E abraços e tudo [...] estou-lhe sempre a dar, à noite.*” (P6), “[...] *falo sempre com ele [...]*” (P7) e “[...] *comunicamos mais pelo olhar.*” (P8).

Juntamente, constatou-se a F.3. Reação da criança à demonstração de afeto pela mãe, foi mencionado “[...] *e ela adora isso [...] e ela “mãe me está apertando, sai” [...] ela é meia assim, sabe? Ela gosta de mimos mas até certo ponto.*” (P1), “[...] *dá o beijinho [...] se alguém lhe perguntar quem é o amor dele? Ele diz: “é a mãe!” [...] Quem é o amor da mãe? “Sou eu” [...] agarra-se a mim.*” (P4), “[...] *ele agarra muito mais, a esfregar a cara dele na minha.*” (P6) e “[*a criança oferece*] *Beijinhos, ele gosta muito de colo por isso passa a vida no colo [...] ele para dormir tem de estar assim com a mãozinha agarrada a mim, a sentir-me.*” (P7).

Por fim, refiro a F.4. Capacidade de responder às necessidades básicas atuais da criança, uma mãe demonstra a culpa que sente por ter consumido cocaína com o conhecimento de que estava grávida, referindo que não colocou as necessidades da criança em consideração “*Consumi nessa gravidez. Consumi cocaína nessa gravidez.*” (P3), uma reclusa evidencia que, apesar das limitações, “*Só acho que amor não lhe falta de certeza.*” (P4), outra reclusa destaca necessidades básicas do quotidiano “*Eu dou banhito todos os dias, visto-o, dou de comer, ele já come.*” (P5), todavia uma mãe reporta a dificuldade de adquirir certos produtos alimentares “[...] ou pedirem uma bolacha de chocolate [...] não dá para chegar à cantina e comprar tudo.” (P4).

É importante atender às necessidades básicas da criança, mas também garantir o seu apoio emocional e segurança. Uma criança com cuidados responsivos, saúde física, nutrição adequada, oportunidades para aprendizagem precoce e segurança, irá desenvolver-se de forma saudável e resiliente (Breuer et al., 2021). Em geral, as mães salientam o imenso carinho que oferecem ao seu filho, percebem possuir capacidades para desempenhar de forma adequada o seu papel maternal (Cunha, 1994; Serras & Pires, 2004).

Considerando o relato de uma mãe sobre o consumo de cocaína, Breuer e colaboradores (2021) descrevem que o abuso de substâncias em reclusas é um acontecimento comum (Breuer et al., 2021).

O2: Explorar a percepção das mães reclusas sobre a maternidade no estabelecimento prisional.

De forma a explorar este objetivo, recorreu-se às categorias principais **1. Permanência de crianças na prisão, 2. Competências Parentais e 3. Suporte e coping.**

1. Permanência de crianças na prisão

A. Culpabilidade pela permanência de crianças na prisão

Neste subcapítulo existe uma grande exploração da culpa por parte das mães, uma vez que estão obrigadas a permanecer neste espaço, mas é apenas e só da responsabilidade das mesmas e não das crianças, explicando que os filhos não mereciam estar igualmente reclusos no EP, “[...] a criança não tem culpa.” (P3), “*No final tem culpa de nada [a criança] [...] sinto-me culpada nisto, sinto-me culpada por ter aqui o meu filho.*” (P4), “[...] acabam por estar sem culpa nenhuma [...] É nossa culpa, a culpa é nossa, e eles acabam de pagar um bocadinho

com isso.” (P7) e “[...] eu acho que as crianças não têm culpa de estar aqui, não é? Porque se estamos aqui para cumprir o nosso crime... ela não tem culpa de eu ter feito asneiras. Mas... como se diz temos de continuar, a vida é para a frente e não voltar a repetir os mesmos erros [...]” (P8).

As mães culpabilizam-se pela situação em que se encontram com o seu filho, contudo era provável que se não estivessem presentes na vida da criança, o sentimento de culpa fosse ainda maior (Granja et al., 2013).

B. Efeitos para a criança

Relativamente a esta subcategoria, era pretendido explorar a perceção das mães reclusas sobre os efeitos da permanência da criança no EP. Assim, foram criadas duas divisões. Primeiramente, os efeitos B.1. Positivos, é referenciado “*Se eu precisar qualquer coisa para a minha filha tipo brinquedos, roupas, imediatamente a diretora deixa entrar [...] são muito atentas às crianças.*” (P2). Duas mães mencionam a importância do convívio com outras crianças, “[...] *convive com outras crianças [...]*” (P4) e “*Ter amigos. Conviver com os amigos.*” (P5). Duas mães acrescentam, do mesmo modo, a importância da amamentação “[...] *a menina mama [...]*” (P2) e “[...] *maior parte dos recém-nascidos têm alimentação a peito... nem que seja só três anos a criança está a conviver com a mãe ou perto, os laços acabam por não se perder [...]* *Ter a criança aqui a ideia é facilitar a vida à criança [...]*” (P3).

Em segundo lugar, os efeitos B.2. Negativos, começo por citar a ocorrência de confrontos, “*Eu ensinei a não bater, a não machucar, mas ela vê na creche e ela apanha... porque aqui eles estão mais presos que a gente [...] aqui são obrigados a ser mini adultos, a crescer muito rápido e não está certo*” (P1) e “*Ouvi uma criança a dizer assim, saiu de manhã... abriu-nos as portas... e essa criança virou-se assim “Hoje vamos andar à porrada”. Aquilo toco-me tanto, mas tanto, porque estas crianças já sabem que 8h30 há porrada aqui, estas crianças acompanhem tudo.*” (P2).

Relatam que as crianças começam a comunicar com as guardas prisionais da mesma forma que as mães reclusas, “*Acho que vão ser umas crianças mais um bocado, mais revoltadas. É por o ambiente que temos aqui dentro [...] Porque eles já sabem o que são guardas. Já sabem falar para os guardas como nós falamos.*” (P2) e “[...] *aqui as crianças são muito observadoras... apercebem-se de tudo, por exemplo, o meu via-me pedir licença à Guarda para me levantar da mesa e ele também começou a pedir: “Posso menina?” Pronto.*”

E eles aprendem tudo, para entrar no refeitório: “Posso menina?” [...] por exemplo o meu filho vai à confeitaria com o meu marido e pergunta se se pode levantar.” (P4)

É aludido a limitação do ambiente, “[...] as crianças que vêm do lado de fora acabam por ser mais limitadas. Não entendem tanto. Embora para algumas seja bom para regras. Mas não entendem tanto o fechado.” (P3), “Ele é muito stressado aqui dentro. Porque ele lá fora não é assim.” (P4) e “[...] a limitação para as crianças, é uma desgraça, sinceramente [...] Mesmo ali no pátio, por exemplo, não tem coisas para eles brincarem.” (P8). Também, existe a referência à saudade “[...] ele sente falta do pai.” (P5), limites no fornecimento de certos alimentos “A minha filha é intolerante à lactose [...] não me fornecem, por exemplo, iogurtes sem lactose.” (P3) e “[...] não tem sempre televisão, não tem os canais que ele gosta [...] comer o que ele gosta, é assim pequenas coisas...” (P7) e a linguagem utilizada “[...] as pessoas dizem muitas asneiras [...]” (P8).

C. Efeitos para a mãe

No que diz respeito a esta subcategoria, era desejado entender a percepção das mães reclusas sobre os efeitos que a permanência da criança no EP tinha para elas próprias, assim, foram criadas duas divisões. Os efeitos C.1. Positivos, as mães descrevem “a força” que os seus filhos lhes oferecem neste momento de reclusão, “É o nosso apoio, é o nosso... o nosso equilíbrio, é a nossa força [...] a minha filha para mim foi a melhor coisa que me aconteceu aqui dentro.” (P2), “[...] queremos sentir o carinho, eu sou muito agarrada ao meu filho... o meu filho é o meu pilar, eu não conseguia estar a suportar tudo e só estou aqui há dois anos.” (P4) e “Se eu não o tivesse cá [a criança] ficava maluquita da cabeça. Porque eu sou uma rapariga que pensa muito sabe?” (P5). Uma mãe descreve a vantagem de “Estamos abertas mais tempo ao fim-de-semana, é a única vantagem.” (P6). Da mesma forma, uma mãe expõe outra vantagem referente ao EP em concreto “[...] aqui não temos de cozinhar, temos as coisas feitas, também dá para aproveitar um bocadinho mais com o menino, nesse lado positivo é bom... tendo os nossos filhos temos uma distração, não estamos sempre a matutar, é uma distração, estamos mais ocupadas com a nossa cabeça e nós próprias com ele.” (P7).

Os efeitos C.2. Negativos, neste ponto, as mães salientam a dificuldade da privacidade e falta de tempo para outras tarefas, “Aí eu desisto de tudo, por exemplo eu vou no banheiro ela vai atrás, ela tem que sentar do meu lado, aí eu... já não consigo fazer nada, deixa para lá, só que muitas vezes quando ela dorme eu durmo junto” (P1), “É muito cansativo ter uma criança aqui dentro, não é fácil [...] Passo o tempo todo para ela. Já não converso tanto, foquei-me na

minha filha aqui dentro.” (P2), “[...] um bocadinho mais complicado sair mais cedo do trabalho entro mais cedo no refeitório [...] desvantagens é mesmo só de estar com as outras mães, com certas mães [...] então isto ter que conviver [...]” (P3), “[...] eu acho que a mãe tem mais trabalho aqui dentro [...] é a cama da mãe para fazer é ao berço do filho para fazer [...] eu arrumo ele desarruma [...] é muita coisa para gerir é muito é mais cansativo.” (P4), “Mas também temos mais trabalho.” (P6) e “[...] eu lá fora era mãe e tinha a minha rotina, o meu trabalhinho, chegava a casa e cozinhava, essas coisas que uma pessoa normal faz [...] lá fora temos coisas que aqui não.” (P7).

A presença das crianças tem impacto no quotidiano das mães, diferenciando-as das outras reclusas. Afirmam que os filhos transmitem uma sensação de tranquilidade e, além disso, o tempo decorre de modo mais rápido, o que leva à ausência do sentimento de solidão (Cunha, 1994; Serras & Pires, 2004). Também, as mães consideram esta experiência como uma forma de proporcionar cuidados aos filhos, sem se preocuparem com outras tarefas (Mariano & Silva, 2018). A criança irá beneficiar da vinculação criada com a sua mãe, esta sendo cotada por um elevado suporte da figura materna (Bowlby, 1990).

2. Competências Parentais

A. Diversidade de perceções sobre a maternidade no EP

Esta subcategoria realça o que a mãe pensa sobre o exercício da maternidade, em relação à mesma e às outras mães. Num EP, as opiniões divergem de dois modos: o positivo, porém difícil, “*Em geral para mim foi muito bom.*” (P2), “*Por norma ajudamos-mos mais ou menos todas umas às outras [...]*” (P3), “*[...] eu não aguentava isto sem o meu filho*” (P4), “*Não é fácil [...]*” (P5), “*Quem é mãe eu sinto que não se consegue separar do seu filho [...] já basta o nosso sofrimento, então com uma criança é complicado [...] ao final de semana nós chegamos estouradas. Não temos nada para que eles se ocupem.*” (P8) e “*[...] aqui há muito sentido de interajuda entre as mães e acho isso muito bonito [...] “olha, aquela teve agora um filho, ainda não sabe muito bem de algumas coisas, vamos-lhe tentar ajudar, vamos-lhe ensinar, se o menino precisar de alguma coisa” [mães] e o que é bom nisto aqui é isso.*” (P7).

De outro modo, o negativo, duas mães expõem a sua opinião sobre a escolha de algumas reclusas sobre a permanência da criança no EP, “*Usam os filhos para... para atingir os objetivos.*” (P3) e “*[...] também acho que há mães que podem estar a usar o filho para benefício [...]*” (P4).

Existem relações positivas entre algumas mães, e estas tecem-se em boa parte em função das crianças, partilham os cuidados das mesmas, trocam conselhos, comentam a sua evolução e documentam peripécias no que diz respeito aos filhos umas das outras. Quando uma criança se encontra doente, todas as reclusas começam a bater nas portas das celas em simultâneo, para o ruído ser mais audível e desta forma alertar as guardas que alguma criança precisa de auxílio médico. Assim, a solidariedade é quase em exclusivo motivada pelas necessidades que envolvem as crianças (Cunha, 1994).

3. Suporte e coping

C. Suporte Social

Esta subcategoria documenta a exploração do suporte social/familiar, o modo e natureza do apoio, frequência do contacto e grau de suporte sentido. A P1 menciona o auxílio da sua mãe, tia e avó, relata “*Tenho [apoio], mas apoio financeiro essas coisas não [...]*” (P1), a P2 especifica o apoio do marido, mãe e irmã, “[...] *financeira [...] quando eles podem mandam.*” (P2), a P3 tem como pilar a mãe, companheiro e ex-marido, “*Financeiro e eles também participam na educação.*” (P3), a P4 enumera o apoio do companheiro, pai, mãe, irmãos, sogra, cunhada e madrinha do filho, a P5 pauta a ajuda do companheiro e sogra “[...] *ele [companheiro] manda-me dinheiro, essas coisas. Compro coisas na cantina para ele [filho].*” (P5), a P6 elenca o apoio do companheiro e sogra “*Mandam o que é preciso para o menino, mandam roupa para o menino, compram tudo para o menino.*” (P6), a P7 alista o companheiro, sogra e avós “*Financeiro, sim [...] vêm-me sempre ver, trazem roupinha para o meu menino, para mim, e nisso não me posso queixar, isso é o que me dá força. Todos os dias falo com o meu outro filho, isso é o maior apoio que pode existir.*” (P7) e a P8 refere como apoio o ex-marido, mãe e pai.

A literatura alude a importância do suporte material, afetivo e emocional dos familiares e amigos, especificando a enorme ajuda que pequenos gestos criam (Breuer et al., 2021). As mães que não possuem este tipo de apoio descrevem dificuldades que acarretam no quotidiano (Cunha, 1994). O suporte que as reclusas encontram nas suas redes de suporte desempenha um fator que pode interferir no comportamento parental, o apoio resulta na manutenção de interações mais adequadas e favoráveis com os seus filhos, e além disso, demonstram-se mais sensíveis às suas necessidades (Serras & Pires, 2004).

O3: Explorar as características do estabelecimento prisional para as mães e crianças que vivem na prisão.

Em relação a este objetivo, utilizei a categoria principal **2. Competências Parentais e 3. Suporte e coping.**

2. Competências Parentais

C. Dificuldades

Aqui, evidencio as dificuldades experienciadas dentro do EP, mais especificamente, C.1. Problemas de relacionamento entre reclusas, onde são exploradas as complexidades vividas entre as mães reclusas e as reclusas em geral e C.2. Problemas de relacionamento entre crianças, destacando as adversidades entre as crianças em permanência no EP.

Primeiramente, as mães narram os obstáculos de viver com outras mães, nomeadamente, mães com filhos que permanecem na prisão e/ou mães reclusas sem os filhos na prisão, “[...] sempre vai ter aquela que vai se meter [...]” (P1), “[...] anda a acontecer elas [as mães] darem as suas opiniões e dão muitas pessoas [...]” (P2), “[...] eu era uma das que ainda tinha direito a fraldas e então foram dizer que a menina trabalha e que está a estudar e que tem transferências da família, então cortaram.” (P4), a P3 refere duas dimensões, “[...] somos muito invejosas muito más umas com as outras [as mães] [...] O meu tem a minha também tem que ter e se não entra para a minha não pode entrar para o teu. Usa-se muito isso [...] A minha filha não podia receber nada porque a outra mãe fazia queixa.” (P3) e “[...] andamos a falar de algumas das outras pelas costas [...]” (P3).

Exemplificam atitudes praticadas pelas outras mães, percecionadas como negativas, “[...] está na hora de jantar sempre vem aquela que quer dar chocalatinho [...] e eu digo agora não que vai jantar, e a pessoa está insistindo e acaba dando.” (P1) e “[...] uma mãe que eu me lembro de dar batatas fritas a uma criança e eu não quero dar ao meu, mas o meu quer [...] às oito e meia da manhã [...] e eu disse à mãe que a filha dela não era a única que estava ali, pronto aquilo gerou conflito, é uma mãe que não se importa de gerar o conflito [...] outra mãe foi a própria dizer em frente à Guarda: “eu só não lhe bati porque ela estava com o filho ao colo.”” (P4).

Em segundo lugar, as mães descrevem os desentendimentos que assistem entre crianças, “[...] eles levam porrada dos amiguinhos.” (P1) e “[...] bate aos mais velhos, empurra.” (P4).

Cunha (1994), indica a dificuldade da presença de várias pessoas em torno da mãe e do seu filho, as reclusas estão constantemente a observar e julgar as mães reclusas, alarmando-as. Os conflitos que eclodem entre as mães têm quase sempre origem em assuntos dos respetivos filhos. Igualmente, existe breves desentendimentos entre as crianças (Cunha, 1994).

G. Condições do EP

No que concerne a este subcapítulo, começo por aludir as condições da G.1. Cella, as mães descreveram as pequenas dimensões da cela e o sentimento de injustiça de serem fechadas durante a noite, demonstrando o receio duma eventual necessidade de assistência médica para o seu filho, “[...] estamos abertas durante o dia pois nós não fugimos [...] porque é que nos fecham a porta durante a noite? Se acontece alguma coisa muito mal aos nossos filhos vamos estar acolá a bater, a bater, a bater até alguma menina alguma guarda chegar [...]” (P2), “[...] elas [as celas] são exatamente iguais às celas normais. Acabamos por ter menos espaço [...] e depois tem as outras coisas iguais, com as grades na mesma [...] ela começou a caminhar [...] e foi muito complicado.” (P3), “[...] é dentro de uma sala pequenina [...] tenho o berço deles ou só tenho um bloco de gavetas, não posso ter mais porque não nos podemos mexer na sala. Uma criança quer-se mexer [...] ali dentro entre quatro paredes e umas janelas com grades [...] devia ter algum detetor na cela, um botão porque antes havia? Só que acho que avariou [...] ou retiraram porque as reclusas, era por tudo e por nada que tocavam no botão.” (P4), “[...] temos só ali um bocadinho de espaço para estarmos com os meninos, podíamos se calhar ter, olhe, um baloicinho um parquinho.” (P7) e “[...] as celas também são muito pequeninas, eles [crianças] começam a andar [...] e são muito pequeninas mesmo [as celas] [...]” (P8).

Contudo, a P4 acrescenta um lado positivo, “[...] podemos ligar [do telefone] das sete da manhã às dez da noite, temos telefone na cela o que isso é muito bom.” (P4). Seguidamente, é indicado o papel positivo da G.2. Creche, “É muito bom ter a creche [...]” (P1) e “[...] nós vimos trazer as crianças e vimos buscá-los ao final do dia às cinco e meia.” (P4).

Por último, descrevem o G.3. EP no geral, é especificado, por diversas vezes, o peso do ambiente prisional, “[...] ambiente é muito pesado [...]” (P1), “[...] esse ambiente também eu já sei.” (P2), “[...] não estamos muito fechadas, às 8 da manhã abrem, fecham às 7 e abrem às 8. Estamos abertas até ao jantar e depois fecha.” (P5), “Porque, por exemplo, esta ala devia de ser só a ala de mães com filhos. Nós ali temos muitas pessoas de vários crimes. E isso não

devia ser! Nós na nossa ala, por exemplo, temos 80 mulheres [...]” (P8) e a P4 refere dois aspetos, “E isto nem é um ambiente bom [...]” (P4) e “[...] o meu filho assusta-se muitas vezes quando elas [guardas] batem mesmo com a capa para nos calarmos [...] Gera-se ali um barulho muita confusão. É horrível. Horrível. Parte-me o coração ver o meu filho a passar por isto.” (P4).

Acrescentam a dificuldade da aquisição de material, brinquedos e comida para as crianças, “Porque alguma mãe mandou vir um andarilho, as crianças não podem todas ter e para não criar conflitos entre nós, foram proibidos [...] Não têm um espaço para brincar, não têm um brinquedo para brincar, o exagero levou a estarmos a perder tudo [...] Outras entram [materiais para as crianças], mas têm de sair outras.” (P3), “[...] não ter aqui a um brinquedo que eu quisesse e que não dá para ter na cela ou que não pode entrar [...]” (P4) e “[...] aqui temos umas regrazinhas, por exemplo, comprar coisas para eles, nós temos aqui o supermercado, não é, que nós vamos comprar as coisinhas para nós e para eles e é só aquele dia, às vezes a gente até se esquece e depois só se pode ir para a semana.” (P7).

Como curiosidade, uma mãe relata “[...] quando ela nasceu foi a única que nasceu em Portugal dentro da cela.” (P3).

O EP possui diversas características, o horário prisional estabelece o horário de trabalho, das refeições, do lazer, especifica os momentos de deslocação para o trabalho e os de regresso às celas. Do mesmo modo é evidenciado o elevado barulho da prisão que se torna incomodativo para as reclusas. Tendo em conta as regras aplicadas às celas, quando as portas das mesmas são fechadas durante a noite, as reclusas, por um lado, sentem-se isoladas e, por outro lado, o facto de as mesmas possuírem grades acarreta um sentimento e um impacto negativo para as crianças (Cunha, 1994). Aragão (2018) descreve que a permanência da criança dentro de um EP pode contribuir para dificuldades desenvolvimentais, pela falta de contacto social com o mundo externo e pelos direitos negligenciados (Aragão, 2018). O EP é referido como incapaz de proporcionar um ambiente saudável adequado para as crianças (Serras & Pires, 2004).

3. Suporte e coping

A. Serviços recomendados ou já usados para ajuda parental e/ou pessoal

Nesta subcategoria, descrevo o imenso apoio dos A.1. Serviços clínicos, “Tive que ficar 2 meses internada na clínica com ela [filha] [...] tive um pediatra a olhar [...]” (P1), “[...] nós somos muito acompanhadas aqui dentro nos serviços clínicos.” (P2), “Tenho sempre a

psiquiatra [...]” (P3), “[...] psicólogo [...] Vacinas, medicação [...] não se pode dizer que falta alguma coisa [...] Nós temos a parte clínica, aqui dentro não nos falta nada [...] tive que pedir para os clínicos para falar com o psicólogo, que eu fiquei mesmo com o peso na consciência [...] temos que ir ao pediatra [...] ginecologista, dentista [...]” (P4), “Eles aqui caem e vão logo à enfermaria.” (P6) e “[...] valorizar é os serviços clínicos daqui do estabelecimento [...] tem sempre enfermeiros e médicos disponíveis a qualquer hora do dia, seja de manhã, seja à noite, e é bom porque às vezes os nossos meninos ou estão com febre ou têm algum problema [...]” (P7). Os serviços clínicos possuem um largo número de médicos disponíveis para apoiar as mães, entre eles, pediatras, dentistas, ginecologistas, enfermeiros, psicólogos e psiquiatras.

Inclusive, as reclusas e as crianças podem usufruir de um enorme número de A.2. Atividades, “[...] eles oferecem yoga, medicação, que são coisas bem bacanas, tem aula de dança, tem aula de ginástica, tem essas coisas todas, esse ponto é bom [...]” (P1) e “[...] amanhã é o dia de ginástica, ele adora a ginástica [...] têm piscina a partir dos três anos acho [...]” (P4).

Ainda, as mães realçam o apoio oferecido pelas A.3. Guardas prisionais, “As guardas, mesmo muitas das vezes, fazem o papel de psicólogos, ajudam, elas são fantásticas [...] nesta situação nós temos que agradecer muito às guardas que temos, então com nós mesmos e com as crianças elas são muito atenciosas [...] Elas olham para nós já sabem o que é que muitas vezes [...] se passa na nossa cabeça.” (P2).

Uma mãe refere o apoio da A.4. Diretora, “[...] normalmente quando é assim uma coisa mais com ele era a senhora Diretora [...] É ela que... numa base global, ela é que manda em tudo [...]” (P7).

E por fim, as reclusas descrevem o suporte do A.5. EP no geral, mencionam bastantes aspetos positivos “[...] tem sempre acompanhamento de princípio ao fim.” (P2), “Eles são muito prestativos, muito preocupados... com a minha filha.” (P3) e “Dão fraldas, dão toalhetas. Às vezes quando eu preciso de roupas elas dão [...] Não tenho razão de queixa aqui da cadeia.” (P5).

Em oposição, mencionam a dificuldade sentida ao fim-de-semana, “[...] mas sábados e domingos [...] não fazem nada [as crianças]. A minha filha agora que não para, estamos sempre a arrastar cadeiras.” (P8).

B. Pedir ajuda se tiver um problema ou dificuldade com o filho/filha. Caso afirmativo, a quem solicita esse tipo de auxílio

Nesta secção, explorou-se questões sobre o saber solicitar ajuda quando necessário, uma reclusa exclama “*O mínimo que eu sinto que não estou bem, eu chamo os guardas e digo que não estou bem, eles ligam para lá e já tenho o meu psicólogo, eu tomo medicação todos os dias [...]*” (P1).

A literatura afirma a frequência das aproximações afetivas entre a população prisional e as crianças, salientando o apoio das guardas prisionais (Cunha, 1994). Assim, as guardas exercem uma vigilância acrescida às mães reclusas (Serras & Pires, 2004). Existe o apoio de psicólogos, médicos, educadores, assistentes sociais e dentistas (Cunha, 1994). Reclusas que necessitam de ajuda no foro mental e competências individuais, se lhes for oferecido o apoio necessário, irão ter um papel positivo na vida das crianças (Radosh, 2002).

O EPSCBF descreve que o Plano Anual de Atividades constitui-se como um documento orientador e descreve as atividades planificadas para o ano letivo de 2023. As atividades foram elaboradas tendo em consideração as necessidades e interesses do grupo de crianças, podendo, desta forma, surgir alterações sempre que as mesmas se justifiquem. De igual modo, referem ser importante aludir que as atividades promovem o desenvolvimento do grupo em geral e de cada criança individualmente. A creche pretende promover, mensalmente, pelo menos uma saída ao exterior, sendo esta uma necessidade visível no contexto em que as crianças estão inseridas. As crianças irão usufruir de aulas de natação e de música semanalmente, bem como de aulas de educação física, duas vezes por semana (DGRSP, 2023).

Em conclusão, as competências parentais das reclusas, a partir das suas experiências, demonstram-se positivas, sendo capazes de compreender o estado emocional da criança durante os momentos vivenciados, conseguem, deste modo, observar o ponto de vista da criança, reconhecer os pontos fortes do filho, envolver-se emocionalmente com o mesmo, sendo possível constatar uma ligação forte entre ambos (Figueiredo & Pereira, 2022).

Tendo em consideração a perceção das mães reclusas sobre a maternidade no EP, existe um foco principal no sentimento de culpabilização que as mães descrevem face à situação que se encontram, exprimem a preocupação com os seus filhos, elaborando os efeitos negativos que pensam que as crianças experienciam no EP e acrescentam efeitos negativos que as mesmas

vivenciam. Descrevem o apoio que existe entre as mães reclusas, que possui como principal objetivo o bem-estar da criança (Granja et al., 2013).

Por fim, refletem sobre as características do EP, relatam a injustiça que sentem perante o facto das celas serem fechadas durante a noite, receando que se algo negativo ocorrer com a criança, não irão ter o apoio necessário e acrescentam as pequenas dimensões da mesma, considerando o espaço como insuficiente para criar um filho (Cunha, 1994). Com o mesmo destaque, exprimem os desentendimentos com as outras reclusas, que afetam o seu bem-estar e os conflitos que ocorrem entre as crianças. Contudo, demonstram a sua gratidão para o acompanhamento dos serviços disponíveis no estabelecimento, sobretudo dos serviços clínicos, das guardas prisionais e das atividades existentes (Cunha, 1994).

4. Conclusões

O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções das mães reclusas sobre as suas competências de parentalidade com os seus filhos que vivem igualmente no EP.

As mães reclusas entrevistadas aderiram de forma colaborante às entrevistas, respondendo com pormenor e abertura às questões colocadas. Retrataram as suas percepções e experiências como mães reclusas, expuseram a sua opinião sobre os efeitos da permanência no EP, para si e para as crianças, pormenorizaram momentos experienciados com os filhos, relataram dificuldades sentidas na circunstância em que se encontram, exploraram as suas competências parentais e as condições do EP. Por fim, retrataram o suporte social, familiar e do EP.

Através dos dados recolhidos, foi possível observar as competências parentais positivas presentes nas mães reclusas. As mães evidenciam o amor que sentem pelos seus filhos, partilham momentos positivos com os mesmos, demonstram conhecimento sobre as características individuais da criança, partilham as práticas educativas utilizadas que, com exceção de algumas mães, não possuem tolerância à punição corporal. Do mesmo modo, ilustram as necessidades emocionais da criança, explicitam como demonstram afeto pelo filho, sendo este físico e psicológico, partilham o caloroso afeto que o respetivo filho possui pelas mesmas. De modo geral, as mães afirmam deter competências parentais positivas, descrevendo fornecer as necessidades da criança e realizar ações essenciais para o bom desenvolvimento do filho.

As reclusas que possuem suporte social e/ou familiar acrescentam a motivação que esse apoio lhes oferece, auxiliando no seu quotidiano no EP. Algumas reclusas afirmam que as mães se entreadjudam quando necessário, tendo as necessidades dos filhos como centro da sua atenção. No entanto, uma mãe descreve a culpa que sente por ter consumido cocaína enquanto estava grávida da sua filha, explicando que já tinha conhecimento da gravidez, porém não terminou o consumo, sente que não colocou as necessidades da criança em prol das suas.

Ademais, são exploradas as características do EP para mães nestas circunstâncias. Aqui é descrito um enorme apoio do próprio EP, realçando o papel dos serviços clínicos, estes possuindo vários profissionais disponíveis para as mães e as crianças. De seguida são descritas atividades realizadas, nomeadamente yoga, ginástica, natação, dança, entre outros e, da mesma forma, oferecem atividades com o objetivo de desenvolver capacidades desenvolvimentais com as crianças. Por outro lado, existem atividades com o objetivo de proporcionar a participação

das mães de forma a reforçar os laços emocionais entre mãe e filho, assim como sensibilizar as mães da importância da creche no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Também, as reclusas descrevem o apoio constante das guardas prisionais, que demonstram um enorme carinho e preocupação pelas crianças. Uma mãe destaca o suporte que a diretora oferece numa base global. A creche é descrita como extremamente positiva, visto que, durante a semana, as mães podem acompanhar as crianças até à creche de manhã e posteriormente dirigirem-se para o seu posto de trabalho, se for o caso, estudar ou fazer tarefas domésticas durante o dia, sendo somente necessário apoiar o filho ao almoço e recolhê-lo ao final da tarde da creche. E por fim, narram o constante acompanhamento do EP de um modo geral.

Em oposição, são retratadas dificuldades experienciadas pelas mulheres, por um lado, pela presença de outras mães reclusas, que igualmente vivem com os seus filhos, e por outro lado, das mães reclusas que têm filhos a viver fora deste contexto. É demonstrado um julgar pelas mesmas, existindo desentendimentos regulares, inclusive são descritos alguns conflitos entre as crianças.

Além disso, caracterizam as pobres condições das celas do EP, estas sendo descritas como pequenas para uma mãe e o seu filho e evidenciam o sentimento de injustiça por serem encerradas durante a noite, receando que se acontecer algo negativo com a criança não irão obter apoio imediato necessário, uma vez que são obrigadas a bater na porta da cela para as guardas prisionais se aperceberem do ocorrido. No entanto, é referido o ponto positivo de possuírem telefones na cela, mas que podem apenas utilizar num determinado horário. Tendo em conta o EP em geral, as mães focam-se na sensação de um ambiente pesado e a dificuldade da aquisição de material, brinquedos e comida para as crianças.

Contudo, também foi notório a sensação de culpa que as mães possuem pela situação em que se encontram, afirmando que o seu filho não deveria estar na situação de permanência da prisão, realçando que quem cometeu um erro foram elas e não a criança. De igual modo, descrevem os efeitos negativos que pensam existir para as crianças, entre estes, a existência de confrontos, a limitação do ambiente do EP e as crianças começarem a comunicar com as guardas prisionais como se fossem reclusas, pedindo autorizações para levantar, a título de exemplo. Algumas mães realçam que a partir do momento que a criança se começar a aperceber do contexto em que está, querem retirá-la do EP, explicando que as crianças percebem as circunstâncias e memorizam-nas. Contrariamente, é referenciado aspetos positivos para os filhos, nomeadamente, o apoio do EP, o convívio entre as crianças e a importância da amamentação nas crianças mais novas. No que se refere às mães, estas descrevem inúmeros

lados positivos pela presença do filho, principalmente “a força” que a criança lhes oferece, o apoio do EP e estarem com as celas abertas ao fim-de-semana. Como lado negativo, focam a dificuldade da privacidade e de realização de tarefas quotidianas.

As mães demonstraram a sua visão, em geral, sobre o exercício da maternidade, delas mesmas e das outras mães, num EP. Maioritariamente, afirmam ser positivo, contudo bastante complexo, descrevendo sentimentos de felicidade combinados com sentimentos de tristeza. No entanto, maior parte das mães, retratam a enorme felicidade que a criança lhes oferece, expondo que sem o filho, o tempo no EP iria ser mais complicado. Salientam a ajuda das outras mães, apesar da existência de problemas de relacionamento. Algumas mães expõem a opinião de certas reclusas usarem o seu próprio filho para atingirem os seus objetivos pessoais.

Considero interessante um estudo longitudinal com esta população, de forma a explorar a evolução das competências parentais, os efeitos positivos e negativos para as mães e para as crianças e as eventuais mudanças no EP.

5. Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1974). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
<https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M.D.S. (1994). *Attachments and other affectional bonds across the lyfe cycle*. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris, *Attachment across the lyfe-cycle* (1ª ed.), 32-51. London: Routledge.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (1997). (7ª ed.). *Psychological testing* (7th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall/Pearson Education.
- Aragão, F. (2018). *Mães sentenciadas e filhos desamparados: um estudo sobre o cárcere feminino e o exercício da maternidade na privação de Liberdade*. [Dissertação, Universidade Estadual de Montes Claros]. Arquivo Da Universidade Estadual de Montes Claros:
<https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/20/2021/12/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FERNANDA-SANTOS-ARAGAO-VERS%C3%83O-FINAL.pdf>
- Arrindell, W., Emmelkamp, P., Brilman, E., & Monsma, A. (1983). Psychiatric evaluation of an inventory of assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinava*, 67, 163-177. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1983.tb02761.x>
- Arrindell, W., Kwere, M., Methorst, G., Van der Ende, J., & Moritz, j. (1989). Perceived parental rearing styles of agoraphobic and socially phobic in-parents. *British Journal of Psychiatry*, 155, 526-535.
- Ateah, C. A., Secco, M. L., & Woodgate, R. L. (2003). The risks and alternatives to physical punishment use with children. *Journal of Pediatric Health Care*, 17(3), 126-132. <https://doi.org/10.1067/mpH.2003.18>

- Azevedo, V., Carvalho, M., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., Maia, A., & Fernandes-Costa, F. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de enfermagem referência*, 4(14), 159-170. <https://doi.org/10.12707/RIV17018>
- Baldry, E. (2010, August). Women in Transition [Poster Presentation]. Prison Reform Trust, <http://www.prisonreformtrust.org.uk/uploads/documents/women%20in%20prison%20august%202010.pdf>
- Baptista, A. (1993). *A gênese da Perturbação de Pânico: a importância dos factores familiares e ambientais durante a infância e adolescência*. Dissertação de doutoramento não publicada, instituto de Ciências Biomédicas. Abel Salazar, Porto.
- Bowlby, J. (1960). *Grief and Mourning in Infancy and Early Childhood*. Instituto de Psicologia. <https://doi.org/10.1080/00797308.1960.11822566>
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Budd, K. S. (2001). Assessing Parenting Competence in Child Protection cases: A Clinical model. *Clinical Child and family review*, 4(1).
- Braga, A. & Angotti, B. (2015). Da hipermaternidade à hipomaternidade no cárcere feminino brasileiro. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, 229-239.
- Bratti, L. (2021). *Maternidade no cárcere: Um estudo acerca das violações dos direitos humanos no sistema prisional feminino brasileiro*. [Dissertação na Universidade do Sul de Santa Catarina]. Arquivo Da Universidade do Sul de Santa Catarina. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/19527/1/Laura%20Veronezi%20Bratti%20-%20Maternidade%20no%20c%3%A1rcere.pdf>
- Breuer, E., Remond, M., Lighton, S., Passalacqua, J., Galouzis, J., Stewart, K. & Sullivan, E. (2021). The needs and experiences of mothers while in prison and post-release: a rapid review and thematic synthesis. *Health Justice*, 9, 31. <https://doi.org/10.1186/s40352-021-00153-7>

- Bronson, J. & Sufrin, C. (2019). Pregnant Women in Prison and Jail Don't Count: Data Gaps on Maternal Health and Incarceration. *Public Health Reports*, 134(1), 575-625. <https://doi.org/10.1177/0033354918812088>
- Brunch, M. & Heimberg, R. (1994). Differences in perceptions of parental and personal characteristics between generalised and nongeneralized social phobics. *Journal of Anxiety Disorders*, 8, 155-168. [https://doi.org/10.1016/0887-6185\(94\)90016-0](https://doi.org/10.1016/0887-6185(94)90016-0)
- Canavarro, M. (1997). Relações afetivas e saúde mental. Uma abordagem ao longo do ciclo da vida. [Dissertação na Universidade de Coimbra]. Arquivo Da Universidade de Coimbra.
- Cassidy, J. & Shaver, P. (2018). *Handbook of attachment. Theory, Research, and Clinical Applications* (2^a ed.). Guilford Press. <https://doi.org/10.1002/imhj.21730>
- Cicchetti, D., Toth, S. L., e Lynch, M. (1995). Bowlby's dream comes full circle. The application of attachment theory to risk and psychopathology. In T. Ollendik e R. Prinz (Eds.). *Advances in Clinical Child Psychology*, 17, 1-75.
- Conley, C. (2003). A review of parenting capacity assessment reports. *Ontario Association of Children's Aid Societies (OACAS) Journal*, 47 (3), 16–22.
- Cunha, P. (1994). *Malhas que a reclusão tece. Questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa, Cadernos do Centro de Estudos Judiciários.
- Chai, C., & passos, K. (2016). Género e pensamento criminológico: Perspetivas a partir de uma epistemologia feminista. *Revista de criminologia e políticas criminais*, 2(2). <https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0065/2016.v2i2.1460>
- Christenbery, T. (2017). Interviews and Qualitative Research. *Nurse Author & Editor*, 27(4), 1-7. <https://doi.org/10.1111/j.1750-4910.2017.tb00255.x>
- Dallaire, D. H. (2007). Children with incarcerated mothers: Developmental outcomes, special challenges, and recommendations. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 28(1), 15-24. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2006.10.003>

- Damas, F., & Oliveira, W. (2013). A Saúde Mental nas Prisões de Santa Catarina, Brazil. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 5(12), 1-24.
- Dawson, A., Jackson, D., & Nyamathi, A. (2012). Children of incarcerated parents: Insights to addressing a growing public health concern in Australia. *Children and Youth Services Review*, 34(12), 2433-2441. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.09.003>
- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2020). *Reclusos condenados existentes em 31 de dezembro, segundo o sexo, os escalões de idade e a nacionalidade, por crimes* [Ficheiro de dados]. Recuperado de <https://dgrsp.justica.gov.pt/>
- Eisenman, R. (1990). Six problems of a prison psychologist: a personal account. *Psychological Reports*, 67, 755-761. <https://doi.org/10.2466/pr0.1990.67.3.755>
- Elliman, D., & Lynch, M. A. (2000). The physical punishment of children. *Archives of disease in childhood*, 83(3), 196-198. <https://doi.org/10.1136/adc.83.3.196>
- Favarelli, C., Panichi, C., Pallanti, S., Paternitu, S., Grecu, L., & Rivelli, S. (1991). Perception of early parenting in panic and agoraphobia. *Acta Psychiatrica Scandinava*, 84, 6-8. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1991.tb06651.x>
- Figueiredo, B., Mesquita, S., & Pereira, M. (2022). *Coaction against COVID-19: Intervenção nos problemas de saúde mental das crianças em idade pré-escolar no contexto de pandemia*. In R. J. Gonçalves, J. A. C. Santos, & P. M. R. Ferreira (Eds.), Livro de resumos do XI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (123). Associação Portuguesa de Psicologia [Portuguese Psychology Association]. Recuperado de http://appsicologia.org/Files_xSnip/LivroResumos_XISNIP_2022.pdf
- Flores, N. & Smeha, L. (2019). Mães presas, filhos desamparados: maternidade e relações interpessoais na prisão. *Social Psychology*, 28(4), 4204-4220. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312018280420>
- Freitas, A. M., Inácio, A. R., & Saavedra, L. (2016). Motherhood in prison: reconciling the irreconcilable. *The Prison Journal*, 96(3), 415-436. <https://doi.org/10.1177/0032885516635129>

- Goetting, A. (1984). Conjugal association practices in prisons of the American nations. *Alternative Lifestyles*, 6, 155-174.
- Glaser, B. G. (1999). The future of grounded theory. *Qualitative health research*, 9(6), 836-845. <https://doi.org/10.1177/104973299129122199>
- Granja, R., Cunha, M., Machado, H. (2013) Children on the outside: The experience of mothering among female inmates. In *3rd Global Conference Experiencing Prison*, 9–11. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24726>
- Granja, R., Cunha, M., Machado, H. (2014). Mothering From Prison and Ideologies of Intensive Parenting. *Journal of family issues*, 36(9). <https://doi.org/10.1177/0192513X14533541>
- Harlow, H. & Harlow, M. (1962). Social deprivation in monkeys. *Scientific American*, 207, 136-146. <https://doi.org/10.1038/scientificamerican1162-136>
- Jiménez, J. M., & Palacios, J. (2003). When home is in jail: Child development in Spanish penitentiary units. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, 12(5), 461-474. <https://doi.org/10.1002/icd.325>
- Kellett, J. and Apps, J. (2009) *Assessments of parenting and parenting support need: a study of four professional groups*. Joseph Rowntree Foundation.
- Loucks, N. (2010). Punishment and Corrections: Women in prison. *Forensic Psychology: Concepts, Debates and Practice*, 285-304.
- Mariano, G. & Silva, I. (2018). Significando o amamentar na prisão. *Texto contexto - enfermagem*, 27(4). <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000590017>
- Maramwidze-Merrison, E. (2016). Innovative Methodologies in Qualitative Research: Social Media Window for Accessing Organizational Elites for interviews. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 12(2), 157-167.
- Nesmith, A., & Ruhland, E. (2008). Children of incarcerated parents: Challenges and resiliency, in their own words. *Children and Youth Services Review*, 30 (10), 1119-1130. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2008.02.006>

- Parker, G. (1979). Parental characteristics in relation to depressive disorder. *British Journal of Psychiatry*, 134, 138-147.
- Peixoto, C., Ribeiro, C., & Manita, C. (2007). Avaliação psicológica forense das capacidades parentais. *Revista da Sociedade de Psicologia do triângulo mineiro*, 11(2), 142-156. Porto.
- Poehlmann, J. (2005). Incarcerated mothers' contact with children, perceived family relationships, and depressive symptoms. *Journal of Family Psychology*, 19(3), 350–357. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.3.350>
- Prision reform trust (2010). Women in prison [Poster presentation]. <http://www.prisonreformtrust.org.uk/uploads/documents/women%20in%20prison%20august%202010.pdf>
- Radosh, P. (2002). Reflections on Women's Crime and Mothers in Prison: A Peacemaking Approach. *Research Article*, 48(2), 300-315. <https://doi.org/10.1177/0011128702048002007>
- Rita, R. (2006). *Mães e crianças atrás das grades* [Mothers and children behind bars]. [Dissertação de Mestrado da Universidade de Brasília, Brasil]. Arquivo Da Universidade de Brasília.
- Rothbaum, F. & Weisz, J. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116(1), 55-74. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.1.55>
- Rutter, M. (1995). Clinical Implications of attachment concepts: retrospect and prospect. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36, 549-571.
- Sanders, M. R., Kirby, J. N., Tellegen, C. L., & Day, J. J. (2014). The Triple P-Positive Parenting Program: A systematic review and meta-analysis of a multi-level system of parenting support. *Clinical psychology review*, 34(4), 337-357. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.04.003>

- Saavedra, L. (2001). Sucesso/Insucesso Escolar - A importância do nível socioeconómico e do género. [School success/failure: The importance of socioeconomic level and gender]. *Psicologia*, 67-92.
- Seay, A., Freysteinson, W., & McFarlane, J. (2014). *Positive Parenting. Nursing Forum: an independent voice for nursing*, 49(3), 200-207. <https://doi.org/10.1111/nuf.12093>
- Serras, D. & Pires, A. (2004). «Maternidade atrás das grades» Comportamento parental em contexto prisional. *Análise Psicológica*, 2 (22), 413-425.
- Silove, D., Parker, G., Hadzi-Pavlovic, D., Manicavasagar, V., & Blaszczynski, A. (1991). Parental representations of patients with panic disorder and generalised anxiety disorder. *British Journal of Psychiatry*, 159, 835-841.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações rurais & agroindustriais*, 7(1), 70-81.
- Silverstein, A. (1990). Mother and child reunion: With the number of women in prison on the rise, corrections officials struggle to make sure children aren't punished too. *Empire State Reporter*, 16, 23-26.
- Smart Justice (2007). Women in prison [Ficheiro de dados]. Recuperado de <https://www.aclu.org/issues/smart-justice>
- Spencer, T. & Kochel, R. (2021). An Inductive Approach to Examining Racial Majority Versus Minority Expectations and Appraisals of Police Legitimacy in a Small-Town Context. *Race and justice*, 11(4), 520-542. <https://doi.org/10.1177/2153368718814156>
- Walters, D. (2018). Positive and negative social influences and crime acceleration during transition from childhood to adolescence: The interplay of risk and protective factors. *Criminal Behaviour & Mental Health*, (28), 414-423. <https://doi.org/10.1002/cbm.2088>
- Weisner, D. (2002). Ecocultural Pathways, Family Values, and Parenting. *Parenting: Science and practice*, 2(3), 325-334.

United Nations Office on Drugs and Crime, (2014). *Handbook on Women and Imprisonment*.
<https://doi.org/10.18356/b4f63625-en>

Vasconcelos, N. & Lins, V. (2018). *Mães encarceradas e filhos abandonados: realidade prisional feminina e estratégias de redução do dano da separação*. Curitiba, PR: Juruá.

Walker, L. O., & Avant, K. C. (2010). *Strategies for theory construction in nursing* (5th ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson Education

6. Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente projeto de investigação científica tem como objetivo explorar as percepções de mães sobre as suas competências de parentalidade em reclusão, e, neste caso específico, têm os seus filhos a viver consigo. Este projeto decorre no âmbito de uma Dissertação de Mestrado da aluna Íris Ferreira Pinto a decorrer na Faculdade de Educação e Psicologia sob a orientação da Prof. Doutora Catarina Ribeiro.

Esta entrevista dirige-se a mulheres reclusas que têm filhos a viver consigo na prisão.

A sua participação não lhe trará risco ou despesa e pode, a qualquer momento, recusar a continuidade da sua participação no estudo.

Na recolha de dados não será solicitada nenhuma informação que torne possível associar as suas respostas à sua identificação, garantindo-lhe, por isso, total anonimato e confidencialidade.

A sua participação é voluntária e os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e serão utilizados apenas para fins científicos. Nesse sentido, por favor seja sincera nas suas respostas...

Caso aceite participar, pedimos de seguida o seu consentimento informado.

As investigadoras responsáveis pelo estudo disponibilizam-se para esclarecer quaisquer dúvidas existentes (Íris Pinto: s-irpinto@ucp.pt; Prof. Doutora Catarina Ribeiro: cjribeiro@ucp.pt).

Muito obrigada pela sua colaboração!

Ao selecionar as opções abaixo, declaro que:

Li e compreendi este documento e aceito participar no projeto científico “Competências parentais: Perceções de reclusas que vivem com os filhos na prisão”, dando o meu consentimento informado e tendo a garantia que todos os meus dados permanecerão confidenciais. Tenho mais de 18 anos de idade.

Anexo B – Caracterização sociodemográfica e familiar das reclusas

Participante	Idade (anos)	Escolaridade	Nível socioeconómico	Ocupação em meio livre	Estado civil	Número de filhos	Número de filhos no EP	Com quem vivia em meio livre	Relações significativas em meio livre
P1	35	12.º	Baixo	Cozinheira	Viúva	3	1	Noivo	Mãe, Tia, Avó
P2	35	6.º	Médio	Funcionária de limpezas	Casada	4	1	3 Filhos, Marido e Sobrinho	Marido, Mãe, Irmã
P3	47	9.º	Médio baixo	Funcionária numa fábrica e empregada de café	Divorciada	5	1	Companheiro	Mãe, companheiro e ex-marido
P4	38	11.º	Médio	Cabeleireira	União de facto	1	1	Companheiro e filho	Companheiro, pai, mãe,

									irmãos, sogra, cunhada, madrinha do filho
P5	25	5.º	Baixo	Sem ocupação anterior	Solteira	2	1	Companheiro e filho	Companheiro e sogra
P6	35	9.º	Médio	Empregada de limpeza	Solteira	1	1	Colega	Companheiro e sogra
P7	24	12.º	Médio-baixo	Operadora de armazém	União de facto	2	1	Companheiro e dois filhos	Companheiro, sogra e avós
P8	30	9.º	Médio	Funcionária numa loja de perfumes	Divorciada	1	1	Ex-marido	Ex-marido, mãe e pai.

Anexo C – Caracterização dos filhos das reclusas

Participantes	Viviam com a mãe em meio livre	Nasceu no EP	Sexo	Idade	Tempo em meio livre?
P1		X	Feminino	2 anos e 11 meses	Não
P2		X	Feminino	5 meses	Não
P3		X	Feminino	3 anos e meio	Sim
P4	X		Masculino	2 anos e 5 meses	Sim
P5	X		Masculino	5 meses	Não
P6		X	Masculino	1 ano e meio	Não
P7	X		Masculino	6 meses	Não
P8		X	Feminino	1 ano e 2 meses	Sim

Anexo D - Sistema de Categorias

1. Permanência de crianças na prisão (1º Geração de categorias)				
2ª Geração de categorias	3ª Geração de categorias	Descrição	Unidades de registo (Citações)	Frequência
A. Culpabilidade pela permanência de crianças na prisão		Perceção das mães reclusas sobre os seus filhos viverem na prisão	<p>“[...] a criança não tem culpa.” (P3)</p> <p>“No final tem culpa de nada [a criança] [...] sinto-me culpada nisto, sinto-me culpada por ter aqui o meu filho.” (P4)</p> <p>“[...] acabam por estar sem culpa nenhuma [...] É nossa culpa, a culpa é nossa, e eles acabam de pagar um bocadinho com isso.” (P7)</p> <p>“[...] eu acho que as crianças não têm culpa de estar aqui, não é? Porque se estamos aqui para cumprir o nosso crime [...] ela não tem culpa de eu ter feito asneiras. Mas... como se diz temos de continuar, a vida é para a frente e não voltar a repetir os mesmos erros [...]” (P8)</p>	4
B. Efeitos para a criança	B.1. Positivos	Explorar a perceção das mães reclusas sobre os efeitos positivos da	<p>“Se eu precisar qualquer coisa para a minha filha tipo brinquedos, roupas, imediatamente a diretora deixa entrar [...] são muito atentas às crianças.” (P2)</p> <p>“[...] a menina mama [...]” (P2)</p>	5

		permanência da criança no EP	<p>“[...] maior parte dos recém-nascidos têm alimentação a peito...nem que seja só três anos a criança está a conviver com a mãe ou perto, os laços acabam por não se perder [...] Ter a criança aqui a ideia é facilitar a vida à criança [...]” (P3)</p> <p>“[...] convive com outras crianças [...]” (P4)</p> <p>“Ter amigos. Conviver com os amigos.” (P5)</p>	
B.2. Negativos	Explorar a percepção das mães reclusas sobre os efeitos negativos da permanência da criança no EP	<p>“Eu ensinei a não bater, a não machucar, mas ela vê na creche e ela apanha... porque aqui eles estão mais presos que a gente [...] aqui são obrigados a ser míni adultos, a crescer muito rápido e não está certo” (P1)</p> <p>“Ouvi uma criança a dizer assim, saiu de manhã... abriu-nos as portas... e essa criança virou-se assim “Hoje vamos andar à porrada”. Aquilo toco-me tanto, mas tanto, porque estas crianças já sabem que 8h30 há porrada aqui, estas crianças acompanhem tudo.” (P2)</p> <p>“Acho que vão ser umas crianças mais um bocado, mais revoltadas. É por o ambiente que temos aqui dentro [...] Porque eles já sabem o que são guardas. Já sabem falar para os guardas como nós falamos.” (P2)</p> <p>“[...] as crianças que vêm do lado de fora acabam por ser mais limitadas. Não entendem tanto. Embora para algumas seja bom para regras. Mas não entendem tanto o fechado.” (P3)</p>	8	

			<p>“A minha filha é intolerante à lactose [...] não me fornecem, por exemplo, iogurtes sem lactose.” (P3)</p> <p>“Ele é muito stressado aqui dentro. Porque ele lá fora não é assim.” (P4)</p> <p>“[...] aqui as crianças são muito observadoras [...] apercebem-se de tudo, por exemplo, o meu via-me pedir licença à Guarda para me levantar da mesa e ele também começou a pedir: “Posso menina?” Pronto. E eles aprendem tudo, para entrar no refeitório: “Posso menina?” [...] por exemplo o meu filho vai à confeitaria com o meu marido e pergunta se se pode levantar.” (P4)</p> <p>“[...] ele sente falta do pai.” (P5)</p> <p>“[...] não tem sempre televisão, não tem os canais que ele gosta [...] comer o que ele gosta, é assim pequenas coisas [...]” (P7)</p> <p>“[...] a limitação para as crianças, é uma desgraça, sinceramente [...] Mesmo ali no pátio, por exemplo, não tem coisas para eles brincarem.” (P8)</p> <p>“[...] as pessoas dizem muitas asneiras [...]” (P8)</p>	
C. Efeitos para a mãe	C.1. Positivos	Explorar a perceção das mães reclusas sobre os efeitos positivos que, a permanência da	<p>“É o nosso apoio, é o nosso... o nosso equilíbrio, é a nossa força [...] a minha filha para mim foi a melhor coisa que que me aconteceu aqui dentro.” (P2)</p> <p>“[...] queremos sentir o carinho, eu sou muito agarrada ao meu filho [...] o meu filho é o meu pilar, eu não conseguia estar a suportar tudo e só estou aqui há dois anos.” (P4)</p>	5

		criança no EP tinha para elas próprias	<p>“Se eu não o tivesse cá [a criança] ficava maluquita da cabeça. Porque eu sou uma rapariga que pensa muito sabe?” (P5)</p> <p>“Estamos abertas mais tempo ao fim-de-semana, é a única vantagem.” (P6)</p> <p>“[...] aqui não temos de cozinhar, temos as coisas feitas, também dá para aproveitar um bocadinho mais com o menino, nesse lado positivo é bom... tendo os nossos filhos temos uma distração, não estamos sempre a matutar, é uma distração, estamos mais ocupadas com a nossa cabeça e nós próprias com ele.” (P7)</p>	
	C.2. Negativos	Explorar a perceção das mães reclusas sobre os efeitos negativos que, a permanência da criança no EP tinha para elas próprias	<p>“Aí eu desisto de tudo, por exemplo eu vou no banheiro ela vai atrás, ela tem que sentar do meu lado, aí eu [...] já não consigo fazer nada, deixa para lá, só que muitas vezes quando ela dorme eu durmo junto” (P1)</p> <p>“É muito cansativo ter uma criança aqui dentro, não é fácil [...] Passo o tempo todo para ela. Já não converso tanto, foquei-me na minha filha aqui dentro.” (P2)</p> <p>“[...] um bocadinho mais complicado sair mais cedo do trabalho entro mais cedo no refeitório [...] desvantagens é mesmo só de estar com as outras mães, com certas mães [...] então isto ter que conviver [...]” (P3)</p>	8

			<p>“[...] eu acho que a mãe tem mais trabalho aqui dentro [...] é a cama da mãe para fazer é ao berço do filho para fazer [...] eu arrumo ele desarruma [...] é muita coisa para gerir é muito é mais cansativo.” (P4)</p> <p>“Mas também temos mais trabalho.” (P6)</p> <p>“[...] eu lá fora era mãe e tinha a minha rotina, o meu trabalhinho, chegava a casa e cozinhava, essas coisas que uma pessoa normal faz [...] lá fora temos coisas que aqui não” (P7)</p>	
--	--	--	---	--

2. Competências parentais (1º Geração de categorias)				
2ª Geração de categorias	3ª Geração de categorias	Descrição	Unidades de registo (Citações)	Frequência
A. Diversidade de percepções sobre a maternidade no EP		O que a mãe pensa sobre o exercício da maternidade, dela e das restantes mães, num EP	<p>“Em geral para mim foi muito bom.” (P2)</p> <p>“Por norma ajudamos-mos mais ou menos todas umas às outras [...]” (P3)</p> <p>“Usam os filhos para [...] atingir os objetivos.” (P3)</p> <p>“[...] também acho que há mães que podem estar a usar o filho para benefício [...]” (P4)</p> <p>“[...] eu não aguentava isto sem o meu filho” (P4)</p> <p>“Não é fácil [...]” (P5)</p> <p>“...aqui há muito sentido de interajuda entre as mães e acho isso muito bonito [...]” olha, aquela teve agora um filho, ainda não sabe muito bem de algumas coisas, vamos-lhe tentar ajudar, vamos-lhe ensinar, se o menino precisar de alguma coisa” [mães] e o que é bom nisto aqui é isso.” (P7)</p> <p>“Quem é mãe eu sinto que não se consegue separar do seu filho [...] já basta o nosso sofrimento, então com uma criança é complicado [...] ao final de semana nós chegamos estouradas. Não temos nada para que eles se ocupem.” (P8)</p>	8
B. Momentos com o filho	B.1. Momentos positivos com o filho	Explorar questões relacionadas com	<p>“Eu gosto de quando ela está a dormir [...] gosto muito de lhe dar banho já fica muito feliz no banho [...] gosto de ir buscar à creche [...]” (P3)</p>	6

		experiência positivas da maternidade	<p>“[...] vem o meu filho a correr para mim: “ó mãe que linda.” [...] faz massagens o meu filho.” (P4)</p> <p>“[...] gosto de dar-lhe banho, gosto de o arranjar, essas coisas assim.” (P5)</p> <p>“[...] vem buscá-los aqui para comer e é sempre bom a gente acompanhar essas coisas, e depois à tarde também estamos juntos e é... é o acompanhar assim as fases dele, porque se eu estivesse lá fora não acompanhava, se calhar, ele a dizer “mamã”, o desenvolvimento normal dele [...]” (P7)</p>	
	B.2. Momentos menos positivos ou stressantes com o filho	Explorar questões relacionadas com a gestão do comportamento da criança, rigidez dos horários, etc.	<p>“Quando eles estão doentes é muito stressante.” (P3)</p> <p>“Eu tenho muita dificuldade nisso no refeitório porque não quer aquela comida. Quer a sopa da avó [...] E atirou tudo para o chão [...] e eu peço autorização para me levantar, limpo tudo e já perco o apetite” (P4)</p> <p>“[...] ele tinha muitas, muitas cólicas e é muito chato [...]” (P7)</p>	4
C. Dificuldades	C.1. Problemas de relacionamento entre reclusas	Explorar as dificuldades experienciadas entre as mães reclusas e as reclusas em geral	<p>“[...] sempre vai ter aquela que vai se meter [...]” (P1)</p> <p>“[...] está na hora de jantar sempre vem aquela que quer dar chocalatinho [...] e eu digo agora não que vai jantar, e a pessoa está insistindo e acaba dando.” (P1)</p> <p>“[...] anda a acontecer elas [as mães] darem as suas opiniões e dão muitas pessoas [...]” (P2)</p>	4

			<p>“[...] somos muito invejosas muito más umas com as outras [as mães] [...] O meu tem a minha também tem que ter e se não entra para a minha não pode entrar para o teu. Usa-se muito isso [...] A minha filha não podia receber nada porque a outra mãe fazia queixa.” (P3)</p> <p>“[...] andamos a falar de algumas das outras pelas costas [...]” (P3)</p> <p>“[...] uma mãe que eu me lembro de dar batatas fritas a uma criança e eu não quero dar ao meu, mas o meu quer [...] às oito e meia da manhã [...] e eu disse à mãe que a filha dela não era a única que estava ali, pronto aquilo gerou conflito, é uma mãe que não se importa de gerar o conflito [...] outra mãe foi a própria dizer em frente à Guarda: “eu só não lhe bati porque ela estava com o filho ao colo.”” (P4)</p> <p>“[...] eu era uma das que ainda tinha direito a fraldas e então foram dizer que a menina trabalha e que está a estudar e que tem transferências da família, então cortaram.” (P4)</p>	
	C.2. Problemas de relacionamento entre crianças	Explorar as dificuldades experienciadas entre as crianças em permanência no EP	<p>“[...] eles levam porrada dos amiguinhos.” (P1)</p> <p>“[...] bate aos mais velhos, empurra.” (P4)</p>	2

<p>D. Conhecimento sobre as características individuais da criança</p>		<p>Características individuais da criança:</p> <p>Emocionais</p> <p>Físicas</p> <p>Temperamento</p> <p>Necessidades especiais</p>	<p>“[...] tem uma personalidade bastante forte.” (P2)</p> <p>“[...] ela é muito meiga [...] um bocadinho envergonhada...” (P3)</p> <p>“[...] é conflituoso [...] eu acho o meu filho muito inteligente ele aprende muito rápido [...] orgulhoso [...] uma personalidade muito forte não se deixa de ficar com nenhuma criança seja grande seja pequena se a criança lhe empurrou, ele empurra também e puxa os cabelos.” (P4)</p> <p>“[...] ele nunca está triste, nunca. Acorda de manhã sempre bem-disposto.” (P5)</p> <p>“é único [...] ele é muito esperto, muito inteligente [...] É muito mimalho” (P6)</p> <p>“[...] é muito falador, muito observador, quer estar sempre atento a tudo [...] é assim um bocadinho irrequieto [...]” (P7)</p> <p>“[...] ela gosta de estar no cantinho dela [...] Uma guerreira.” (P8)</p>	<p>7</p>
<p>E. Práticas Educativas</p>	<p>E.1. Tolerância à punição corporal</p>	<p>Explorar a ocorrência de punição corporal</p>	<p>“[...] palmada no bumbum, se tiver que dar um puxão de orelha a gente dá um puxão de orelha.” (P1)</p> <p>“De castigo deixa ficar mais a chorar.” (P3)</p>	<p>3</p>

			“Já começou a dizer [asneiras] e eu dou-lhe uma palmada no rabo e digo “não se diz isso!”” (P8).	
	E.2. Demonstração de aceitação relativamente a um comportamento da criança		“Eu abraço, eu beijo, choca aqui!” (P1) “Meto-o dentro do berço e ele cala-se [...] É de ralar com ele, porque ele nem é de chorar. E até às vezes e ele é de atirar logo o que tem na mão, nem chora, atira o que tem na mão [...]” (P6) “Dou-lhe um beijinho e digo “muito bem, é mesmo assim.”” (P8)	3
	E.3. Práticas parentais positivas	Explorar as práticas educativas utilizadas pelas mães reclusas	“Vou ensinar a minha filha a se defender uma coisa que lá fora eu não fiz [...] porque eu vejo aqui as crianças [...]” (P2) “Deixo brincar no banho à vontade para ele descarregar mesmo energia [...] digo [...] “vamos pintar”. “Olha a mãe tem uma coisa para ti” [...] quando ainda está na hora ainda ligo ao pai para ver se ele tenta acalmar o menino.” (P4) “Apanho uma coisita na mão, mexo assim [a mexer um fio de um lado para o outro em frente à cara do bebé]. Ando para trás e para a frente com ele [...] Falo com ele [...] Dou-lhe comerzito e aí ele calasse.” (P5)	5

			<p>“Meto-o dentro do berço e ele cala-se [...] É de ralar com ele, porque ele nem é de chorar. E até às vezes e ele é de atirar logo o que tem na mão, nem chora, atira o que tem na mão [...]” (P6)</p>	
F. Sensibilidade às necessidades emocionais da criança	F.1. Facilidade em perceber os sentimentos da criança		<p>“[...] com um olhar mais descaído e eu vejo quando é que acontece alguma coisa [...] eu vejo que ele está mesmo a sentir a saudade [do pai].” (P4)</p> <p>“[...] basta olhar para ele que eu percebo logo [...] quando está cheio de sono, começa assim a esfregar os olhos e a orelhinha, às vezes só a orelhinha. Quando ele está muito chateado ele franze assim a sobrancelha, ele é muito expressivo [...]” (P7)</p>	5
	F.2. Demonstração de afeto pela criança		<p>“[...] eu gosto de tê-la no meu colo, ficar cheirando o cabelo dela e eu às vezes exagero.” (P1)</p> <p>“O falar para ela é muito importante [...]” (P2)</p> <p>“Eu brinco com ela.” (P3)</p> <p>“[...] conto histórias [...] ele [filho] fixa as histórias e depois conta ao pai [...] todos os dias digo que o meu filho está lindo [...] que é o amor da mãe [...] mete-me assim a mão na cara [...]” (P4)</p> <p>“[...] eu brinco com ele [...]” (P5)</p> <p>“Dou carinho, dou beijinhos.” (P5)</p>	8

			<p>“Eu falo muito com ele. E abraços e tudo [...] estou-lhe sempre a dar, à noite.” (P6)</p> <p>“[...] dou-lhe muitos beijinhos e abracinhos [...]” (P7)</p> <p>“[...] falo sempre com ele [...]” (P7)</p> <p>“[...] comunicamos mais pelo olhar.” (P8)</p>	
	F.3. Reação da criança à demonstração de afeto pela mãe	Como é que a criança responde ao seu comportamento	<p>“[...] e ela adora isso [...] e ela “mãe me está apertando, saí”, ela é meia assim, sabe? Ela gosta de mimos mas até certo ponto.” (P1)</p> <p>“[...] dá o beijinho [...] e alguém lhe perguntar quem é o amor dele? Ele diz: “é a mãe!” [...] Quem é o amor da mãe? “Sou eu” [...] agarra-se a mim.” (P4)</p> <p>“[...] ele agarra muito mais, a esfregar a cara dele na minha.” (P6)</p> <p>“[a criança oferece] Beijinhos, ele gosta muito de colo por isso passa a vida no colo [...] ele para dormir tem de estar assim com a mãozinha agarrada a mim, a sentir-me.” (P7)</p>	5
	F.4. Capacidade de responder às necessidades básicas atuais da criança	Necessidades atuais da criança: Físicas Cognitivas/desenvolvimentais	<p>“Consumi nessa gravidez. Consumi cocaína nessa gravidez.” (P3)</p> <p>“Só acho que amor não lhe falta de certeza.” (P4)</p> <p>“[...] ou pedirem uma bolacha de chocolate [...] não dá para chegar à cantina e comprar tudo.” (P4)</p>	6

		Emocionais	“Eu dou banhito todos os dias, visto-o, dou de comer, ele já come.” (P5)	
G. Condições do EP	G.1. Cela	As dimensões da cela; as restrições e regras; as rotinas; a privação de liberdade; e, a ausência de privacidade no EP	<p>“[...] estamos abertas durante o dia pois nós não fugimos [...] porque é que nos fecham a porta durante a noite? Se acontece alguma coisa muito mal aos nossos filhos vamos estar acolá a bater, a bater, a bater até alguma menina alguma guarda chegar [...]” (P2)</p> <p>“[...] elas [as celas] são exatamente iguais às celas normais. Acabamos por ter menos espaço [...] e depois tem as outras coisas iguais, com as grades na mesma [...] ela começou a caminhar [...] e foi muito complicado.” (P3)</p> <p>“[...] é dentro de uma sala pequenina [...] tenho o berço deles ou só tenho um bloco de gavetas, não posso ter mais porque não nos podemos mexer na sala. Uma criança quer-se mexer [...] ali dentro entre quatro paredes e umas janelas com grades [...] devia ter algum detetor na cela, um botão porque antes havia? Só que acho que avariou [...] ou retiraram porque as reclusas, era por tudo e por nada que tocavam no botão.” (P4)</p> <p>“...podemos ligar [do telefone] das sete da manhã às dez da noite temos telefone na cela o que isso é muito bom.” (P4)</p> <p>“[...] temos só ali um bocadinho de espaço para estarmos com os meninos, podíamos se calhar ter, olhe, um baloicinho um parquinho.” (P7)</p> <p>“[...] as celas também são muito pequeninas, eles [crianças] começam a andar [...] e são muito pequeninas mesmo [as celas] [...]” (P8)</p>	6

	G.2. Creche	Explorar a percepção das mães reclusas sobre a Creche existente no EP	<p>“É muito bom ter a creche [...]” (P1)</p> <p>“[...] nós vimos trazer as crianças e vimos buscá-los ao final do dia às cinco e meia.” (P4)</p>	3
	G.3. EP no geral	Explorar a opinião das mães reclusas sobre o EP de uma forma geral	<p>“[...] ambiente é muito pesado [...]” (P1)</p> <p>“[...] esse ambiente também eu já sei.” (P2)</p> <p>“[...] quando ela nasceu foi a única que nasceu em portugal dentro da cela.” (P3)</p> <p>“Porque alguma mãe mandou vir um andarilho, as crianças não podem todas ter e para não criar conflitos entre nós, foram proibidos...Não têm um espaço para brincar, não têm um brinquedo para brincar, o exagero levou a estarmos a perder tudo...Outras entram [materiais para as crianças], mas têm que sair outras.” (P3)</p> <p>“E isto nem é um ambiente bom [...]” (P4)</p> <p>“[...] não ter aqui a um brinquedo que eu quisesse e que não dá para ter na cela ou que não pode entrar [...]” (P4)</p> <p>“[...] o meu filho assusta-se muitas vezes quando elas (guardas) batem mesmo com a capa para nos calarmos [...] Gera-se ali um barulho muita confusão. É horrível. Horrível. Parte-me o coração ver o meu filho a passar por isto.” (P4)</p> <p>“[...] não estamos muito fechadas, às 8 da manhã abrem, fecham às 7 e abrem às 8. Estamos abertas até ao jantar e depois fecha.” (P5)</p>	7

			<p>“[...] aqui temos umas regrazinhas, por exemplo, comprar coisas para eles, nós temos aqui o supermercado, não é, que nós vamos comprar as coisinhas para nós e para eles e é só aquele dia, às vezes a gente até se esquece e depois só se pode ir para a semana.” (P7)</p> <p>“Porque, por exemplo, esta ala devia de ser só a ala de mães com filhos. Nós ali temos muitas pessoas de vários crimes. E isso não devia ser! Nós na nossa ala, por exemplo, temos 80 mulheres [...]” (P8)</p>	
--	--	--	--	--

3. Suporte e coping (1º Geração de categorias)				
2ª Geração de categorias	3ª Geração de categorias	Descrição	Unidades de registro (Citações)	Frequência
A. Serviços recomendados ou já usados para ajuda parental e/ou pessoal	A.1. Serviços clínicos		<p>“Tive que ficar 2 meses internada na clínica com ela [filha] [...] tive um pediatra a olhar [...]” (P1)</p> <p>“[...] nós somos muito acompanhadas aqui dentro nos serviços clínicos.” (P2)</p> <p>“Tenho sempre a psiquiatra [...]” (P3)</p> <p>“[...] psicólogo [...] Vacinas, medicação [...] não se pode dizer que falta alguma coisa [...] Nós temos a parte clínica, aqui dentro não nos falta nada [...] tive que pedir para os clínicos para falar com o psicólogo, que eu fiquei mesmo com o peso na consciência [...] temos que ir ao pediatra [...] ginecologista, dentista [...]” (P4)</p> <p>“Eles aqui caem e vão logo à enfermaria.” (P6)</p> <p>“[...] valorizar é os serviços clínicos daqui do estabelecimento [...] tem sempre enfermeiros e médicos disponíveis a qualquer hora do dia, seja de manhã, seja à noite, e é bom porque às vezes os nossos meninos ou estão com febre ou têm algum problema [...]” (P7)</p>	7

	A.2. Atividades		<p>“[...] eles oferecem yoga, meditação, que são coisas bem bacanas, tem aula de dança, tem aula de ginástica, tem essas coisas todas, esse ponto é bom [...]” (P1)</p> <p>“[...] amanhã é o dia de ginástica, ele adora a ginástica [...] têm piscina a partir dos três anos acho [...]” (P4)</p>	2
	A.3. Guardas prisionais		<p>“As guardas, mesmo muitas das vezes, fazem o papel de psicólogos, ajudam, elas são fantásticas [...] nesta situação nós temos que agradecer muito às guardas que temos, então com nós mesmos e com as crianças elas são muito atenciosas [...] Elas olham para nós já sabem o que é que muitas vezes [...] se passa na nossa cabeça.” (P2)</p>	2
	A.4. Diretora		<p>“[...] normalmente quando é assim uma coisa mais com ele era a senhora Diretora [...] É ela que... numa base global, ela é que manda em tudo [...]” (P7)</p>	1
	A.5. EP no geral		<p>“[...] tem sempre acompanhamento de princípio ao fim.” (P2)</p> <p>“Eles são muito prestativos, muito preocupados... com a minha filha.” (P3)</p> <p>“Dão fraldas, dão toalhitas. Às vezes quando eu preciso de roupas elas dão [...] Não tenho razão de queixa aqui da cadeia.” (P5)</p>	4

			<p>“[...] mas sábados e domingos [...] não fazem nada [as crianças]. A minha filha agora que não para, estamos sempre a arrastar cadeiras.” (P8)</p> <p>“[...] até aos 6 meses ajudavam. Em fraldas [...]” (P8)</p>	
<p>B. Pedir ajuda se tiver um problema ou dificuldade com o filho/filha. Caso afirmativo, a quem solicita esse tipo de auxílio</p>		<p>Explorar questões sobre perceção de necessidade e busca de ajuda</p>	<p>“O mínimo que eu sinto que não estou bem, eu chamo os guardas e digo que não estou bem, eles ligam para lá e já tenho o meu psicólogo, eu tomo medicação todos os dias [...]” (P1)</p>	4
<p>C. Suporte social/familiar</p>		<p>Forma do suporte, natureza do suporte, frequência do contacto, grau de suporte sentido</p>	<p>“Tenho [apoio], mas apoio financeiro essas coisas não [...]” (P1)</p> <p>“[...] financeira [...] quando eles podem mandam.” (P2)</p> <p>“Financeiro e eles também participam na educação.” (P3)</p> <p>“[...] ele [companheiro] manda-me dinheiro, essas coisas. Compro coisas na cantina para ele [filho].” (P5)</p>	8

			<p>“Mandam o que é preciso para o menino, mandam roupa para o menino, compram tudo para o menino.” (P6)</p> <p>“Financeiro, sim [...] vêm-me sempre ver, trazem roupinha para o meu menino, para mim, e nisso não me posso queixar, isso é o que me dá força [...] Todos os dias falo com o meu outro filho, isso é o maior apoio que pode existir.” (P7)</p>	
--	--	--	---	--